

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

ANTONIO CARLOS VALENTINI

**UM ESTUDO DE TEXTO OPINATIVO SOBRE RACISMO AMBIENTAL: AS ASPAS
REVELADORAS DE VOZES SOCIAIS**

PATO BRANCO

2022

ANTONIO CARLOS VALENTINI

**UM ESTUDO DE TEXTO OPINATIVO SOBRE RACISMO AMBIENTAL: AS ASPAS
REVELADORAS DE VOZES SOCIAIS**

**A STUDY OF AN OPINABLE TEXT ON ENVIRONMENTAL RACISM: THE
REVEALING QUOTES OF SOCIAL VOICES**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
apresentado como requisito para obtenção do título
de Licenciado em Letras Português-Inglês da
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
(UTFPR).

Orientadora: Siderlene Muniz-Oliveira.

PATO BRANCO

2022



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Esta licença permite compartilhamento, remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es). Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.

ANTONIO CARLOS VALENTINI

**UM ESTUDO DE TEXTO OPINATIVO SOBRE RACISMO AMBIENTAL: AS ASPAS
REVELADORAS DE VOZES SOCIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
apresentado como requisito para obtenção do título
de Licenciado em Letras Português-Inglês da
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
(UTFPR).

Data de aprovação: 29 de novembro de 2022.

Profa. Dra. Siderlene Muniz-Oliveira
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Dois Vizinhos e Pato Branco
Orientadora e Presidente da banca

Profa. Dra. Márcia Andrea dos Santos
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

Profa. Dra. Susiele Machry da Silva
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

PATO BRANCO

2022

Dedico este trabalho à Profª Eliz Sempre Feliz (*In
memorian*)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por iluminar o meu caminho.

Agradeço à minha mãe, Maria Colet Valentini, pelo amor incondicional.

Agradeço à minha família, por estar ao meu lado e ajudar-me sempre que preciso.

Agradeço aos meus amigos, por todos os momentos de alegria proporcionados.

Agradeço à minha orientadora, por todos os ensinamentos e por confiar em mim.

Agradeço aos demais professores que passaram pela minha vida e que deixaram as suas marcas.

Por fim, agradeço à Universidade Tecnológica Federal do Paraná, pela oportunidade de conhecer pessoas maravilhosas, que não cabe a mim mencionar (para não acabar esquecendo de alguém), e aprender sobre algo que amo: Letras.

Ninguém nasce odiando outra pessoa por sua cor da pele, sua origem ou sua religião. As pessoas podem aprender a odiar e, se podem aprender a odiar, pode-se ensiná-las a aprender a amar. O amor chega mais naturalmente ao coração humano que o contrário.

(MANDELA, 1995).

RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo fazer um estudo de fenômenos linguístico-discursivos relacionados às vozes existentes em um texto que tematiza o racismo, pois é um conceito de extrema relevância social, revelador de disparidades sociais e geográficas, que ainda é desconhecido por muitos; necessita, por esse motivo, ser mais difundido. Para desenvolver este trabalho, embasamo-nos em alguns pressupostos teóricos, como o dialogismo bakhtiniano (BAKHTIN, 2009, 2011), discurso relatado (MAINGUENEAU, 2001), entre outros. Já em relação à temática do texto analisado, será abordado o racismo institucional, individual e estrutural, incluindo, ainda, o racismo ambiental (ALMEIDA, 2019), que é pouco conhecido na sociedade. No que diz respeito ao texto a ser analisado, selecionamos um artigo de opinião que tematiza o racismo, especialmente, o ambiental, que é o foco principal deste trabalho. No que diz respeito à metodologia, trata-se de uma pesquisa interpretativa em que partimos da análise dialógica da linguagem (BAKHTIN, 2009, 2011). Nesse sentido, buscamos descrever o contexto de produção deste texto, fazer o levantamento dos tópicos discursivos de seus parágrafos e identificar as vozes explícitas a partir de enunciações entre aspas selecionadas. Assim, investigamos as formas de discurso relatado (DR) dessas enunciações, demarcamos as relações dialógicas estabelecidas por estas, as suas funções sintáticas e interpretamos os seus sentidos. Diferentes vozes sociais e signos, levantadores de diversos temas, foram analisados, comprovando denúncias sobre o racismo ambiental no texto, dentre outros fatos da sociedade, repletos de juízos de valor e de ideologias. Identificamos relações dialógicas estabelecidas referentes à luta social e ideológica entre entidades e pessoas pró e contra a preservação da Amazônia, entre ditadores e vítimas da censura, entre favoráveis à liberdade, à independência e seus opositores e entre opressores e oprimidos no contexto das violências colonial e racial. Esta pesquisa pode contribuir, portanto, com o desenvolvimento de materiais didáticos que abordem a temática em evidência, seguindo as recomendações da BNCC (BRASIL, 2018) ao promover a educação em direitos humanos e a educação ambiental crítica.

Palavras-chave: artigo de opinião; racismo ambiental; vozes; dialogismo.

ABSTRACT

This work has as its main objective to study linguistic-discursive phenomena related to the existing voices in a text that thematizes racism, as it is a concept of extreme social relevance, revealing social and geographic disparities, which is still unknown to many; it needs, for this reason, to be more widespread. To develop this work, we based on some theoretical assumptions, such as Bakhtinian dialogism (Bakhtin, 2009, 2011), reported speech (Maingueneau, 2001), among others. In relation to the theme of the text analyzed, institutional, individual and structural racism will be addressed, including, also, the environmental one (Almeida, 2019), which is little known in society. With regard to the text to be analyzed, we have selected an opinion article that thematizes racism, especially the environmental, which is the main focus of this work. With regard to methodology, this is an interpretative research in which we start from the dialogical analysis of language (Bakhtin, 2009, 2011). In this sense, we seek to describe the context of production of this text, bring up the discursive topics of its paragraphs and identify explicit voices from selected quotation marks. Thus, we investigated the forms of reported discourse (DR) of these utterances, demarcated the dialogic relationships established by them, their syntactic functions and interpreted their meanings. Different social voices and signs, raising different themes, were analyzed, proving complaints about environmental racism in the text, among other facts of society, full of value judgments and ideologies. We identified established dialogical relationships regarding the social and ideological struggle between entities and people for and against the preservation of the Amazon, between dictators and victims of censorship, between pro-freedom, independence and their opponents and between oppressors and oppressed in the context of colonial and racial violence. This research can contribute, therefore, to the development of teaching materials that address the theme in evidence, following the recommendations of the BNCC (Brazil, 2018) by promoting human rights education and critical environmental education.

Keywords: opinion article; environmental racism; voices; dialogism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Artigo de opinião jornalístico analisado	33
Quadro 1 - Demonstrativo da análise das vozes	44

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
COVID-19	Coronavírus
DD	Discurso direto
DI	Discurso indireto
DR	Discurso relatado
ONU	Organização das Nações Unidas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	20
2.1	Dialogismo e discurso relatado	20
2.2	Racismo ambiental	28
3	ANÁLISE DAS VOZES	30
3.1	Contexto sócio-histórico e de produção do texto	30
3.2	Plano global do texto	32
3.3	Análise das vozes a partir das aspas	37
3.4	Síntese das análises	44
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
	REFERÊNCIAS	52
	ANEXO A - Texto “Racismo e asfixia” (GONÇALVES, 2021) na íntegra	56

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho está vinculado ao Departamento de Letras (DALET) do curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Pato Branco; pertence à grande área do conhecimento “Linguística” e à subárea “Linguística Aplicada”.

Tem como seu principal objetivo fazer um estudo de fenômenos linguístico-discursivos relacionados a vozes existentes em um texto do gênero artigo de opinião jornalístico, que tematiza, além do racismo individualista, institucional e estrutural (ALMEIDA, 2019), o racismo ambiental, que é de nosso interesse central. Para alcançar tal objetivo, apoiar-nos-emos em algumas fundamentações teóricas, tais como Bakhtin (2009, 2011) e Maingueneau (2001).

Primeiramente, serão expostas as três concepções de racismo propostas por Almeida (2019) para, posteriormente, partirmos para a apresentação do racismo ambiental. No decorrer desta seção, realçaremos as motivações, problematizações e justificativas da escolha pela análise das vozes referentes às temáticas em questão.

A concepção individualista, ou racismo individual, defende que “não haveria sociedades ou instituições racistas, mas indivíduos racistas, que agem isoladamente ou em grupo” (ALMEIDA, 2019, s.p.).

A concepção institucional, ou racismo institucional,

não se resume a comportamentos individuais, mas é tratado como o resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios com base na raça (ALMEIDA, 2019, s.p.).

A concepção estrutural, ou racismo estrutural,

é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo ‘normal’ com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção (ALMEIDA, 2019, s.p.).

Mais recentemente, entrou em voga uma nova concepção de racismo: o chamado racismo ambiental. Consoante Fernandes (2021), este conceito passou a ser utilizado no Brasil, sobretudo, a partir do início dos anos 2000, embora criado em 1981, sendo um conceito ainda desconhecido por muitos.

Pretende-se, dessa forma, a análise de um texto que aborda o racismo ambiental, havendo uma relação de interdependência entre os tipos de racismo aqui referidos. A motivação que levou à essa escolha temática foi o interesse, primeiramente, pela questão dos direitos humanos, mais explicitamente o assunto “combate ao racismo”, apreciado no projeto de extensão “Contação de história numa abordagem multidisciplinar: desenvolvimento de capacidades de linguagem”¹, sob coordenação da Profª Drª Siderlene Muniz-Oliveira, orientadora deste trabalho; e, posteriormente, pelo fato de o racismo ambiental estar relacionado, também, à “preservação da natureza”, haja vista que o projeto mencionado anteriormente está integrado ao projeto “Sala Verde nas Ondas do Rio Iguaçu: a natureza política da educação ambiental”, coordenado pela Profª Drª Anelize Queiroz Amaral, da UTFPR, campus Dois Vizinhos, no qual os estudos sobre essa temática começaram a ser investigados. Dentro deste projeto, que aborda a educação ambiental, tive a oportunidade de participar, em 2021, do evento “VAMOS Virtual Conference: Teaching & Learning in Wicked Times”², o que também foi uma motivação para a investigação dessa temática.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) expõe que é compromisso da escola propiciar uma formação integral que estima a educação em direitos humanos (Decreto nº 7.037/2009, Parecer CNE/CP nº 8/2012 e Resolução CNE/CP nº 1/2012) e os princípios democráticos. É competência específica de Linguagens e suas Tecnologias para o ensino fundamental:

4. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo (BRASIL, 2018, p. 65).

Dessa maneira, busca-se a promoção de uma sensibilização e valorização dos direitos humanos, a consciência socioambiental e a formação de uma “ética da responsabilidade”: todos têm direito a uma vida digna (BRASIL, 2018, p. 65). Qualquer vertente do racismo é uma violação aos direitos humanos.

¹ O projeto em questão resultou na criação do canal "Contação de Histórias", da plataforma YouTube, disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCVpdllxqE6z1hjP8gj_qVbA/about>.

² Disponível em: <https://www.google.com/url?q=http://www.utfpr.edu.br/pesquisa-e-pos-graduacao/projetos/curitiba/virtual-exchange-to-tackle-wicked-problems-latin-american-and-european-collaboration-on-education-for-sustainable-development-vamos&sa=D&source=docs&ust=1668434443296177&usq=AOvVaw3C4pn6i3AmT_pNsOo0bJFh>.

Em seção posterior, serão abordados os principais aportes teóricos nos quais nos embasamos sobre o dialogismo, com base em Bakhtin (2009, 2011), e sobre o discurso relatado, com base em Maingueneau (2001), que fornecerão subsídios para o estudo de fenômenos linguísticos relacionados a vozes existentes no texto a ser analisado. A BNCC (BRASIL, 2018), por exemplo, normatiza o ensino das vozes desde os anos iniciais. O Eixo Leitura, que “compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação” (BRASIL, 2018, p. 71), deve ser trabalhado pelos professores de Língua Portuguesa e Literatura. As práticas leitoras compreendem dimensões inter-relacionadas às práticas de uso e reflexão, tal como a “Dialogia e relação entre textos”, que tem como um de seus objetivos: “Identificar e refletir sobre as diferentes perspectivas ou vozes presentes nos textos e sobre os efeitos de sentido do uso do discurso direto, indireto, indireto livre, citações etc.” (BRASIL, 2018, p. 73).

Assim, os objetivos específicos deste trabalho são descrever o contexto sócio-histórico e de produção do texto selecionado; fazer o levantamento dos tópicos discursivos de cada parágrafo; e identificar as vozes explícitas (MAINGUENEAU, 2001) a partir do uso das aspas em alguns parágrafos do texto com o aporte do dialogismo proposto por Bakhtin (2009, 2011).

O texto “Racismo e asfixia” (2021) salienta, além das três concepções de racismo explanadas Almeida (2019), o racismo ambiental, que é um conceito que precisa ser mais difundido. Conforme Jesus (2020, p. 5), há uma relação entre Estado, “racismo institucional e saúde ambiental em saneamento no que diz respeito à saúde, ao meio ambiente ecologicamente equilibrado e ao saneamento básico”. Essa associação é o que caracteriza o racismo ambiental. O Estado e as instituições sociais são responsáveis pela disparidade existente no acesso a boas condições ambientais entre os povos (JESUS, 2020). O racismo ambiental se fortalece a partir de vulnerabilidades existentes em um sistema que não prioriza o bem-estar das minorias (ALBUQUERQUE, 2021, s.p.).

Desse modo, o racismo ambiental afeta muitas comunidades espalhadas pelo Brasil e pelo mundo. Logo, há a necessidade de uma maior abordagem da educação ambiental (Lei nº 9.795/1999, Parecer CNE/CP nº 14/2012 e Resolução CNE/CP nº 2/2012) (BRASIL, 2018) para que a população, desde cedo, tome conhecimento dos problemas ambientais e sociais que recaem a essas comunidades.

De acordo com Soares e Frenedo (2018), a temática ambiental ganhou força a partir da década de 1960, manifestando a crise ambiental e sinalizando a urgência da educação ambiental. No Brasil, a educação ambiental ganhou maior relevância a partir da década de 1980 com a conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92) (SOARES; FRENEDO, 2018). Contudo, há, atualmente, a urgência da implementação de uma educação ambiental crítica, a qual objetiva promover ambientes educativos de intervenção e mobilização sobre a realidade e os seus problemas socioambientais; de uma prática educativa que valorize a cidadania ativa e que forme o sujeito humano enquanto ser individual e social, situado historicamente (GUIMARÃES, 2004).

A educação ambiental crítica, no Brasil, foi impulsionada por um contexto histórico de democratização após duas décadas de Ditadura Militar (1964-1985) e pela luta de militâncias ecológicas e sociais. Nesse caminho, observa-se a necessidade de inclusão do debate ambiental na esfera pública com uma abordagem pedagógica que promova uma educação política engajada na luta contra práticas sociais contrárias ao bem-estar coletivo e à equidade (LAYRARGUES; LIMA, 2014).

Na visão de Albuquerque (2021, s.p.),

a falta de saneamento básico é um problema que afeta muitas populações, agravado pela ocupação em terrenos irregulares, aumento do desemprego, desvalorização do lugar onde vivem essas minorias e eventos climáticos extremos, como as chuvas fortes (deslizamentos de terra) e a seca extrema.

Assim, é preciso uma maior compreensão, por parte dos cidadãos, desses problemas que acometem a moradia, o trabalho e o lazer (JESUS, 2020) de muitos indivíduos, sendo um descumprimento do Capítulo VI, “Do meio ambiente”, da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, pois:

Art. 225. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações (BRASIL, 1988).

Outrossim, cabe ao poder público “VI - promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente” (BRASIL, 1988). Nesse sentido, é com a educação ambiental crítica que o racismo ambiental pode ser minimizado.

É evidente que “muitas pessoas estranham o uso do termo [racismo ambiental] e questionam o porquê de se usar a palavra ‘racismo’, uma vez que exista a expressão ‘injustiça ambiental’” (FERNANDES, 2021, s.p., adendo nosso). Há a inevitabilidade, diante disso, da veiculação do termo “racismo ambiental” para que o público saiba que esse conceito abrange mais do que a injustiça ambiental, uma vez que concerne à arbitrariedade ambiental que acomete minorias étnicas.

Ademais, a ecologia integral designa que o ser humano, a sociedade e a natureza estão interligadas; que cada ação individual repercute nessas três esferas. Ou seja, “A constatação da interdependência entre todas as dimensões da vida e de suas inter-relações explicita um vínculo constitutivo de unidade entre Deus, o ser humano e a natureza” (COLET, 2017, p. 37).

Dessarte, a educação ambiental crítica, em consonância com a ecologia integral, vem para atestar que não basta entender os conceitos (teoria), sendo necessárias práticas transformadoras e ações cotidianas que valorizem o ser humano e todos os seres vivos (MANSOLDO, 2012).

Este trabalho torna-se, à vista disso, interdisciplinar, englobando vários dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil, apoiados pela Organização das Nações Unidas (ONU), que são “um apelo global à ação para acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima e garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e de prosperidade” (ONU, 2022, s.p.).

Dentre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável incluídos no texto analisado, podemos apontar temáticas envolvendo, explícita ou implicitamente: “Saúde e bem-estar” (objetivo 3), “Educação de qualidade” (objetivo 4), “Água potável e saneamento” (objetivo 6), “Redução das desigualdades” (objetivo 10), “Cidades e comunidades sustentáveis” (objetivo 11) e “Paz, justiça e instituições sustentáveis” (objetivo 16) (ONU, 2022, s.p.). Já o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável que perpassa a nossa pesquisa realizada é a “Educação de qualidade”, já que pretendemos abordar a questão das vozes, já mencionadas, ao trazer a BNCC, incluindo reflexões para propiciar uma formação integral voltada para a educação em direitos humanos e a educação ambiental crítica.

Diferentes sites foram consultados em busca do *corpus* a ser analisado. Procuramos variados gêneros textuais que tratassem da temática do racismo ambiental explícita ou implicitamente. Primeiramente, buscamos gêneros que contivessem linguagem verbal e não verbal, tais como charges, cartazes e anúncios

publicitários, nas redes sociais, como *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*. Posteriormente, passamos à busca em sites como “Combate Racismo Ambiental”³, que trazem gêneros como notícias e que possuem maior quantidade de linguagem verbal.

Nesse período de escolha do *corpus*, com o gênero textual a ser analisado, tivemos acesso à dissertação de VIEIRA (2022), na qual há a análise de um texto do site The Piauí Herald⁴. Isso motivou a investigação desse site, no qual encontramos o texto “Racismo e asfixia”⁵, escrito por João Felipe Gonçalves, em dezembro de 2021, pertencente ao gênero artigo de opinião jornalístico, que foi o escolhido para ser analisado nesta pesquisa.

O gênero textual selecionado dá margem a várias possibilidades de análise. Optamos em centrar esta pesquisa na análise das vozes que se manifestam a partir de enunciações entre aspas presentes no texto. Para isso, primeiramente, descrevemos o seu contexto sócio-histórico e de produção. Depois, fizemos o levantamento dos tópicos discursivos de cada parágrafo para, por fim, identificarmos as vozes explícitas que surgem a partir do uso das aspas.

Trata-se de uma pesquisa de cunho interpretativo, em que se parte da linguagem em uso para analisar nos enunciados as relações dialógicas estabelecidas entre as enunciações. Além disso, trata-se uma pesquisa descritiva e analítica, em que o analista examina a materialidade do texto analisado, composta de uma parte linguística e outra enunciativa, adquirindo conhecimento sobre as relações de sentido entre duas partes (língua e enunciação) no enunciado.

Nesse sentido, em relação ao objetivo “descrever o contexto sócio-histórico e de produção do texto selecionado”, discorreremos sobre a revista em que o texto está vinculado; sobre os enunciadore e os destinatários potenciais; sobre a pandemia em que o mundo se encontrava em 2020 e 2021.

Em relação ao objetivo “fazer o levantamento dos tópicos discursivos de cada parágrafo”, abordamos as temáticas de todos os parágrafos do texto para, subsequentemente, cumprir-se o objetivo “identificar as vozes explícitas a partir do uso das aspas em alguns parágrafos do texto” de forma clara e profícua.

³ Disponível em: <<https://racismoambiental.net.br/>>.

⁴ Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/herald/>>.

⁵ Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/racismo-e-asfixia/>>.

A seguir, apresentaremos os pressupostos teóricos desta pesquisa, referentes ao dialogismo, ao discurso relatado e ao racismo ambiental. Subsequentemente, partiremos para a análise das vozes, englobando as subseções do contexto sócio-histórico e de produção do texto, de seu plano global, da análise das enunciações entre aspas selecionadas e da síntese dessas análises. Por fim, ilustraremos as nossas considerações finais.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Esta seção está dividida em duas subseções: a primeira, trata do dialogismo (BAKHTIN, 2009, 2011) e do discurso relatado (MAINGUENEAU, 2011), conceitos fundamentais para a análise das vozes no artigo de opinião. Já a segunda subseção discute o conceito de racismo ambiental (LEGNAIOLI, s.d; HERCULANO, 2008), que é temática principal do texto a ser analisado.

2.1 Dialogismo e discurso relatado

De acordo com Bakhtin (2009), a língua é um fato social fundado nas necessidades da comunicação, do homem autoexpressar-se e objetivar-se. As condições dessa comunicação estão ligadas às estruturas sociais, que refletem a ideologia.

Por isso, Bakhtin afirma que há uma natureza real nos fatos da língua:

A comunicação verbal, inseparável das outras formas de comunicação, implica conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder, etc (BAKHTIN, 2009, p. 14).

Dessa forma, Bakhtin valoriza a natureza social, não individual, da língua, destacando a fala, as enunciações, que realizam a interação verbal, e afirmando que “Todo signo é ideológico” (BAKHTIN, 2009, p. 15), vivo, móvel, variável, flexível e plurivalente; que “toda modificação da ideologia encadeia uma modificação da língua” (BAKHTIN, 2009, p. 15). À vista disso, a classe dominante tem interesse em transformar o caráter plurivalente do signo em monovalência, ou seja, em ferramenta de manutenção do poder (BAKHTIN, 2009).

Nesse sentido, evidencia-se a mutabilidade do signo, sendo que “A entonação expressiva, a modalidade apreciativa sem a qual não haveria enunciação, o conteúdo ideológico, o relacionamento com uma situação social determinada, afetam a significação” (BAKHTIN, 2009, p. 14).

Dessa maneira, a significação é afetada haja vista que “O signo e a situação social estão indissolavelmente ligados” (BAKHTIN, 2009, p. 16) e que “A palavra é o signo ideológico por excelência” (BAKHTIN, 2009, p. 16), a qual registra as particularidades das relações sociais, que se formam e se renovam por meio da

“ideologia do cotidiano”, lugar de criação ideológica ininterrupta de onde as mudanças sociais são emergidas e podem vir a transfigurar-se em ideologias constituídas (BAKHTIN, 2009, p. 16).

Assim, o signo tem uma função ideológica definitiva, inerente a ela. Já a palavra é neutra a qualquer função ideológica precisa, podendo adquirir diferentes funções ideológicas, isto é, assumir a forma de variados signos (BAKHTIN, 2009). Logo, “a palavra acompanha e comenta todo ato ideológico” (BAKHTIN, 2009, p. 38) e “está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação”, mas “Nenhum dos signos ideológicos específicos, fundamentais, é inteiramente substituível por palavras” (BAKHTIN, 2009, p. 38), já que apenas se apoiam nelas e acompanham-nas em todo o ato consciente (BAKHTIN, 2009).

Nesse contexto, entra a questão de “como a realidade (a infra-estrutura) determina o signo” (BAKHTIN, 2009, p. 42), sendo a palavra o indicador capaz de registrar todas as transformações sociais e, as formas de comunicação verbal, determinadas pelas relações de produção e pela estrutura sociopolítica e socioideológica de uma determinada época (BAKHTIN, 2009). Desse modo, “O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes” (BAKHTIN, 2009, p. 47) e, por esse motivo, o processo dialético de evolução vai da infraestrutura (da realidade) às superestruturas dominantes que, no embate contra os “dominados”, buscam tornar o signo monovalente.

Na ideologia do cotidiano, que “constitui o domínio da palavra interior e exterior desordenada e não fixada num sistema, que acompanha cada um dos nossos atos ou gestos e cada um dos nossos estados de consciência” (BAKHTIN, 2009, p. 123), o signo adquire sempre um valor novo, com tema sempre inédito, fruto, efeito e expressão de “lutas sociais” (BAKHTIN, 2009); porém, dentro desta visão marxista, o poder é uma “coisa” e está localizado em algum lugar, em alguma instituição social, (MARX; ENGELS, 2005), tendo como objetivo reduzir o índice de valor do signo a um só para a manutenção do *status quo* e para a concretização de uma ideologia constituída (BAKHTIN, 2009), dado que

Os sistemas ideológicos constituídos da moral social, da ciência, da arte e da religião cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano, exercem por sua vez sobre esta, em retorno, uma forte influência e dão assim normalmente o tom a essa ideologia (BAKHTIN, 2009, p. 123).

Por essa razão, confrontam-se índices de valor contraditório no signo e não há neutralidade ideológica na língua, mas sim complexidade (BARROS, 2005).

Mencionados os termos “significação” e “tema”, cabe diferenciá-los. A “significação é o estágio inferior da capacidade de significar” (BAKHTIN, 2009, p. 136). Detém os elementos da enunciação que são reiteráveis e idênticos sempre que pronunciados, repetidos, compondo-se de todas as palavras que fazem parte dela, abrangendo as relações morfológicas, sintáticas, etc., servindo de aparato técnico, de potencial, para a realização do tema, que “é um sistema de signos dinâmico e complexo” (BAKHTIN, 2009, p. 134); que “é o estágio superior real da capacidade linguística de significar” (BAKHTIN, 2009, p. 136), concreto e não abstrato, e adapta-se com o instante histórico, de evolução, ao qual dada enunciação, organizada a partir de outras enunciações, pertence, orientando-se pelo contexto e a situação precisos (BAKHTIN, 2009).

Diante do exposto, nota-se a concepção dialógica da linguagem proposta por Bakhtin. Segundo Barros (2005), um texto constitui-se dialógico por apresentar um diálogo entre interlocutores e também com outros textos, sendo a condição de sentido do discurso. Além disso, alude que a alteridade define o ser humano, pois o outro é imprescindível nesse processo dialógico: “a vida é dialógica por natureza” (BARROS, 2005, p. 28).

Barros (2005) expõe, como aspectos do dialogismo, o fato de que a interação entre interlocutores funda a linguagem, dá sentido ao texto e constrói os próprios sujeitos produtores e interpretadores do texto, tendo dois tipos de sociabilidade: a relação entre sujeitos (interlocutores) que interagem e entre sujeitos com a sociedade.

Ademais, a autora define “texto” como um “tecido de muitas vozes [...] que se entrecruzam, se completam, respondem umas às outras ou polemizam entre si no interior” (2005, p. 33) dele. Diante disso, constata-se o caráter polifônico da linguagem, em cujos textos o dialogismo sobressai-se, sendo percebidas muitas vozes, diferentemente dos textos monofônicos, nos quais os diálogos ficam escondidos, tendo uma única voz (BARROS, 2005).

Conforme Dahlet (2005), o princípio dialógico articula três posicionamentos: a natureza do social, na qual “a sociabilidade é de essência intersubjetiva” (p. 55), construtora de sujeitos; a natureza do signo, que é a palavra instável, feita para agir;

e a natureza do sujeito, o qual é reconhecido como feito do que não é, pois o homem emerge do outro.

Nessa perspectiva, o sujeito, produtor do discurso que, no dialogismo bakhtiniano, é uma “‘construção híbrida’, (in)acabada por vozes em concorrência e sentidos em conflito” (DAHLET, 2005, p. 56), não pode permanecer sujeito sem ter voz. “Quando falamos, não estamos agindo sós” (DAHLET, 2005, p. 57). Então, não há a “possibilidade de conhecer o sujeito fora do discurso que ele produz” (DAHLET, 2005, p. 58), já que o discurso é uma propriedade das vozes enunciadas pelo sujeito, o qual é ativo na construção desse conjunto de vozes em disputa e sentidos em embate:

O conceito de dialogismo sustenta-se na noção de vozes que se enfrentam em um mesmo enunciado e que representam os diferentes elementos históricos, sociais e linguísticos que atravessam a enunciação. Assim, as vozes são sempre vozes sociais que manifestam as consciências valorativas que reagem a, isto é, que compreendem ativamente os enunciados (ZOPPI-FONTANA, 2005, p. 108).

Dahlet (2005) versa sobre a perspectiva indicial, a qual vê a “enunciação como produção da língua por sujeitos” (p. 67). Nesse contexto, o sujeito constrói-se, além de pela determinação do outro, para diferenciar-se desse outro que o reformula inteiramente, visto que há um “nós” que representa todos no “eu” (o “eu” realiza-se no “nós”) do sujeito, o qual enuncia não tão somente suas palavras, mas também as de outrem (DAHLET, 2005).

Embora cada enunciado particular seja individual, e realiza-se no coletivo (nós), “cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos de gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2011, p. 262), tendo os gêneros primários (simples), representantes da comunicação discursiva imediata, com as enunciações monovocais e os diálogos do cotidiano, e os secundários (complexos), mais desenvolvidos e organizados, reelaboradores dos gêneros primários, como os grandes romances, os textos científicos (BAKHTIN, 2011) e o gênero textual a ser analisado neste trabalho.

Consoante Bakhtin (2011), os gêneros discursivos (cotidianos, retóricos, científicos, literários, etc.) apresentam determinados estilos, os quais são indissociáveis de dadas unidades temáticas e composicionais: tipos de construção do conjunto, tipos de acabamento, tipos da relação falante-participantes (ouvintes ou leitores, parceiros, discurso do outro, etc), sendo que “As mudanças históricas dos

estilos de linguagem estão indissolúvelmente ligadas às mudanças dos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2011, p. 267) e tudo “o que foi ouvido e ativamente entendido responde nos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte” (BAKHTIN, 2011, p. 272).

Dessarte, há a presença dos enunciados de outros antes do início de determinada enunciação e, ao ser proferida, há os enunciados responsivos de outros, caracterizando o princípio absoluto e o fim absoluto da enunciação. Logo, há uma alternância dos sujeitos e o destinatário ocupa uma posição responsiva, na qual pode concordar ou discordar, avaliando o enunciado recebido, pois “Todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. É a posição ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido” (BAKHTIN, 2011, p. 289).

Nesse sentido, ocorre uma escolha dos meios linguísticos e do gênero do discurso, determinando as peculiaridades estilístico-composicionais do enunciado a ser proferido. Posteriormente, há o elemento expressivo, ou seja, a relação subjetiva/emocional valorativa do falante com o conteúdo semântico-objetal (do objeto e do sentido) presente no discurso (BAKHTIN, 2011). Cá encontra-se a importância da entonação expressiva, que “pertence ao enunciado e não à palavra” (BAKHTIN, 2011, p. 291), cuja é de ninguém:

[...] a emoção, o juízo de valor, a expressão são estranhos à palavra da língua e surgem unicamente no processo do seu emprego vivo em um enunciado concreto [...] o significado de uma palavra (sem referência à realidade concreta) é extraemocional (BAKHTIN, 2011, p. 292).

Por isso, palavra e oração são unidades da língua que não têm direcionamento nem relação com a palavra do outro até tornarem-se enunciados plenos e concretos, formando um elo inseparável. Desse modo, o enunciado (acabado) é direcionado, endereçado, a alguém, sendo que cada gênero discursivo tem a sua concepção típica de destinatário, haja vista que os nossos enunciados possuem as palavras dos outros ao terem um grau de assimilidade ou alteridade ao reelaborarmos-nas, reacentuarmos-nas e incorporarmos-nas em nosso discurso, com nossos juízos de valor, simpatias e antipatias, confirmando o dialogismo e a multiplicidade de vozes (polifonia) (BAKHTIN, 2011).

No caso do artigo de opinião jornalístico, trata-se de

um gênero textual que se vale da argumentação para analisar, avaliar e responder a uma questão controversa. Ele expõe a opinião de um articulista, que pode ou não ser uma autoridade no assunto abordado. Geralmente,

discute um tema atual de ordem social, econômica, política ou cultural, relevante para os leitores. [...] O processo interativo se sustenta pela construção de um ponto de vista (DAVID; DAVID, 2021, p. 194).

Para os autores David e David (2021), o objetivo desse gênero é convencer o outro sobre determinada ideia, levando em conta que “é a expressão do posicionamento crítico do autor que garante consistência ao artigo de opinião” (DAVID; DAVID, 2021, p. 195) e que “para a construção da discursividade, a subjetividade é um fator extremamente relevante” (DAVID; DAVID, 2021, p. 196). Por isso, para a sustentação de suas afirmações, Gonçalves (2021), em “Racismo e asfixia”, recorre a diferentes fontes que comprovam que a sua tese, elemento presente em todo texto argumentativo, é válida. Suas enunciações vêm de outras enunciações.

Segundo Bakhtin (2011, p. 300), “O falante não é um Adão Bíblico”, pois nada é nomeado pela primeira vez. O emprego da palavra na situação de comunicação discursiva viva é de índole individual-contextual, pois esta existe para o falante em três aspectos: como não pertencente a ninguém ou “palavra da língua neutra”; como repleta de ecos de outros enunciados, chamada de “palavra alheia dos outros”; e como “minha palavra”, a qual é carregada da expressão do falante ao ser operada em uma circunstância determinada e com uma intenção discursiva determinada (BAKHTIN, 2011). Isso demonstra a formação da cadeia discursiva, que acontece quando a palavra transita de “palavra da língua neutra” para “minha palavra”, a qual já pode ser considerada um enunciado. Assim, constroem-se as relações dialógicas interacionais, que

são relações (semânticas) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. Dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados em um plano de sentido (não como objetos e não como exemplos linguísticos, *mas dotados de sentido*), acabam em relação dialógica (BAKHTIN, 2011, p. 323, adendo nosso).

Como declara Bakhtin (2011, p. 327) “A relação com o sentido é sempre dialógica. A própria compreensão já é dialógica”. Assim sendo, “A compreensão do enunciado pleno é sempre dialógica” (BAKHTIN, 2011, p. 331) e é preciso ter concordância para haver essa compreensão. Vale ressaltar que, partindo de Marx (2011), Bakhtin (2011, p. 334) afirma que “só uma ideia enunciada em palavra se torna pensamento real para o outro e só assim para mim mesmo (...); a palavra avança cada vez mais à procura da compreensão responsiva”.

Portanto, “a palavra quer ser ouvida, entendida, respondida” (BAKHTIN, 2011, p. 334). A palavra tem uma significação que só é validada na formação do tema ao deixar de ser neutra e transformar-se em signo, dando sentido ao objeto e formando um enunciado, que se realiza no coletivo, no discurso – lotado de vozes (valorativas) e ideológico –, construindo o dialogismo por meio da interação.

De acordo com Muniz-Oliveira (2016, p. 44), “a presença do outro pode estar marcada linguisticamente por meio de formas gramaticais, ou pode ser identificável a partir do próprio enunciado”. Nesse sentido, existem duas formas de identificação e de caracterização das marcas das vozes.

Muniz-Oliveira (2016), partindo de Authier-Revuz (1982), expõe que a primeira é a heterogeneidade constitutiva, que não produz marcas que propiciem a visualização do outro na produção do discurso, mas deixa entrever os discursos que o originaram e representa os diferentes grupos sociais em que circula.

Já a segunda, que é a heterogeneidade mostrada, evidencia a presença do outro e apresenta vozes explícitas, ou seja, vozes que podem ser recuperadas a partir de uma diversidade de fontes de enunciação, sendo marcadas linguisticamente no texto (MAINGUENEAU, 2001).

Essas vozes explícitas aparecem por meio de formas de discurso relatado/citado (DR), no qual encontramos o uso dos atos de enunciação de discurso indireto (DI) ou de discurso direto (DD) (MUNIZ-OLIVEIRA, 2016).

No DI “não se pretende reproduzir as palavras do texto fonte, mas seu conteúdo, seu significado genérico” (MUNIZ-OLIVEIRA, 2016, p. 19). Por sua vez, no DD, pretende-se isso por meio da reprodução de falas citadas (MUNIZ-OLIVEIRA, 2016).

Nesse contexto, segundo Muniz-Oliveira (2016), o DD pode ser introduzido de diferentes formas. A primeira delas é por verbos de dizer que marcam a fronteira entre os DI e os DD. Podem ser colocados antes do DD ou no final do DD. Exemplos:

Nossos pais retornaram da roça e encontraram minha avó desorientada, com nossas cabeças mergulhadas numa tina de água, **gritando**: “Ela perdeu a língua, ela cortou a língua” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 17, grifo nosso).

“É um anjo”, minha mãe **disse**. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 60, grifo nosso).

Também, mediante grupos preposicionais assinaladores de uma mudança de ponto de vista. São os modalizadores de discurso segundo (expressões como “de acordo com X”, “conforme X”, “consoante X”, “segundo X”, etc.) (MUNIZ-OLIVEIRA, 2016). Como exemplo, temos:

Segundo Muniz-Oliveira (2013, p. 81), “para o ISD as operações de linguagem compreendem os processos particulares para a produção de um texto ou ação de linguagem” (VIEIRA, 2022, p. 23, grifo nosso).

Além disso, pela falta de introdutor explícito, sendo as únicas marcas de DD os dois pontos e as aspas (MUNIZ-OLIVEIRA, 2016, p. 21), por exemplo:

Citamos as produções (...) que localizam e descrevem as áreas de produção (...) e compreensão (...) da fala e da linguagem, contribuindo para o substrato e o mecanismo neural dos processos mentais superiores, intrínsecas ao meio social e cultural em que se desenvolvem: “o nível de excitação do sistema como um todo pode ir mudando gradualmente, modulando o estado funcional de todo o sistema nervoso” (RODRIGUES; FREIRE; URT, 2022, p. 5-6, *apud* LURIA, 1992, p. 163, grifo nosso).

Todavia, nem todo DR que tem aspas é DD, podendo assumir a forma híbrida. O enunciador pode isolar entre aspas um fragmento que, ao mesmo tempo, “utiliza e menciona, emprega e cita”, formando uma ilha textual (MAINGUENEAU, 2001, p. 151), como no exemplo a seguir:

A infraestrutura geral do texto é considerada o nível mais profundo pelos autores, pois refere-se à “**organização de conjunto do conteúdo temático**” e aos tipos de discursos que podem tomar diversas formas (VIEIRA, 2022, p. 28, grifo nosso).

Além das formas híbridas que têm aspas, há os casos de somente aspas. Diferentemente do caso anterior, em que há uma ruptura sintática entre o discurso que cita e o discurso citado, neste não há essa ruptura: “a expressão aspeada é, ao mesmo tempo usada e aspeada, dependendo, conseqüentemente, da ‘conotação autonímica’” (MAINGUENEAU, 2001, p. 89), ou seja, um termo independente é mencionado e enfatizado. Além disso, “As ‘intenções’ do autor são visadas” (MAINGUENEAU, 2001, p. 90). As aspas empregadas em “conotação autonímica” e “intenções” das citações acima são exemplos de casos somente de aspas, bem como “bem-estar” e “saúde”, do excerto a seguir: “A definição desvela de que a saúde implica mais do que a ausência de doença – ela é circular, uma vez que ‘bem-estar’ é sinônimo de ‘saúde’” (RODRIGUES; FREIRE; URT, 2022, p. 13).

2.2 Racismo ambiental

O termo racismo ambiental surgiu em 1981, nos Estados Unidos, em uma ocasião de manifestações do movimento negro contra injustiças ambientais. Foi criado por Dr. Benjamin Franklin Chavis Jr., líder afro-americano de direitos civis (LEGNAIOLI, s.d.).

De acordo com Herculano (2008), “o conceito diz respeito às injustiças sociais e ambientais que recaem de forma desproporcional sobre etnias vulnerabilizadas” (p. 16), bem como sobre grupos de populações tradicionais, tais como: “ribeirinhos, extrativistas, geraizeiros, pescadores, pantaneiros, caiçaras, vazanteiros, ciganos, pomeranos, comunidades de terreiro, faxinais, quilombolas etc.” (HERCULANO, 2008, p. 16).

Esses grupos têm se deparado com “a chegada do estranho”, ou seja, de empreendimentos desenvolvimentistas – barragens, hidrovias, rodovias, etc. – que os afastam de seus territórios originários e prejudicam suas culturas. Além disso, essas comunidades são impelidas às favelas, às periferias e aos subúrbios urbanos, bem como a locais de degradação, com a presença de venenos, poluentes e resíduos tóxicos (HERCULANO, 2008, p. 16).

Segundo Jesus (2020),

historicamente, as populações pobres, despossuídas e pertencentes a minorias étnico-raciais têm sido alocadas próximas a instalações de esgoto e lixo e expostas a condições inadequadas de saneamento em virtude de políticas ambientais discriminatórias. Merece destaque o caráter racial desse processo, na medida em que alguns grupos estão mais sujeitos do que outros (JESUS, 2020, p. 5-6).

Nesse contexto, o racismo ambiental corresponde à discriminação racial na elaboração de políticas ambientais, na aplicação de leis e regulamentos, na exclusão de pessoas negras da liderança dos movimentos ecológicos, dentre outros fatores que afetam ou geram desvantagens e riscos a indivíduos, grupos ou comunidades com base em raça (LEGNAIOLI, s.d.). No Brasil,

regiões indígenas não demarcadas, favelas, áreas com alto risco de deslizamento de terra, lixões e áreas urbanas não atendidas por saneamento básico são exemplos característicos de locais habitados por populações oprimidas pelo racismo ambiental (LEGNAIOLI, s.d., s.p.).

Assim sendo, essas vivências sanitárias marcadas por condições ambientais insalubres, tanto na moradia, no trabalho, quanto no lazer, incluem: o pouco ou

nenhum acesso à água (potável ou não) e às instalações sanitárias; o lançamento de esgoto e resíduos domésticos ou tóxicos nos rios (poluição); as moradias em beiras de cursos d'água e encostas perigosas sujeitas a deslizamentos e enchentes; o cotidiano em meio/próximo a lixões (JESUS, 2020).

Jesus (2020) revela que, ainda hoje, existe uma significativa parcela da população negra brasileira que sobrevive em meio a condições sanitárias semelhantes às do Brasil Colonial. Desse modo, o autor relata que, embora o Censo 2010 verificou que 48% da população brasileira era branca e 51% era negra,

61% da população sem cobertura do abastecimento de água era negra e apenas 37% era branca; 67% da população sem acesso à coleta dos resíduos era negra e apenas 30% era branca; 58% da população sem cobertura do esgotamento sanitário era negra e 40% era branca; e 76% da população sem banheiro era negra e apenas 20% era branca (JESUS, 2020, p. 8).

Isso posto, nota-se que a população negra, a indígena e todas as populações mencionadas anteriormente “seguem sendo vulnerabilizadas, marginalizadas e minimizadas, produzindo histórico-cotidianamente condições precárias de viver” (JESUS, 2020, p. 10). O autor alude que muitas crianças, jovens e idosos negros morrem por conta da falta de saneamento (a cada uma hora e meia), além da alta taxa de homicídios dos jovens negros nas periferias do país, caracterizando um genocídio eugenista ocasionado pelo histórico de omissão e negligência do Estado perante a esses grupos (JESUS, 2020).

Garantir a saúde ambiental em saneamento da população negra, portanto, é condição básica para efetivar a cidadania-democracia brasileira e a humano-dignidade de uma população que ainda vivencia as marcas instituídas pelo colonialismo em pleno Estado Democrático de Direito (JESUS, 2020, p. 13).

Urge, assim, uma maior responsabilização por parte do Estado, pois muitas mortes poderiam ser evitadas com “ações que coloquem o racismo ambiental e a saúde ambiental em saneamento da população negra nas agendas políticas e de pesquisa” (JESUS, 2020, p. 2). À vista disso, com a inserção efetiva da questão do racismo ambiental no mundo acadêmico e nos projetos de lei, haveria o desmantelamento do quadro histórico de iniquidades nas condições básicas de higiene e de saúde (JESUS, 2020). “Racismo e asfixia” (2021) traz, justamente, as consequências desastrosas da perduração do racismo ambiental, que, como posto, deve ser desmantelado.

3 ANÁLISE DAS VOZES

Neste capítulo, serão explanadas as análises referentes ao texto selecionado, pertencente ao gênero artigo de opinião jornalístico. Para isso, serão apresentados o contexto sócio-histórico e de produção do texto, o seu plano global e a análise das vozes a partir das aspas utilizadas em alguns de seus parágrafos, cujas expressões entre aspas serão destacadas em azul.

3.1 Contexto sócio-histórico e de produção do texto

“Racismo e asfixia” (2021) é um artigo de opinião jornalístico presente no “Arquivo Herald - Revista piauí - UOL”⁶, vinculado à Folha de São Paulo. O site possui diversos gêneros textuais publicados, escritos por profissionais de diferentes áreas e que abordam temáticas atuais e polêmicas. O texto encontra-se em uma seção voltada a questões de violência, mas muitas outras seções podem ser encontradas, envolvendo diferentes temáticas tais como: literatura, mídia, política, negritude, guerra, entre outras.

Embora a maioria dos textos presentes na revista sejam artigos de opinião jornalísticos, sempre há o acompanhamento de uma imagem. Nesse sentido, apesar de a linguagem verbal predominar, a revista dá a devida importância à linguagem não verbal. No caso do texto em questão, há a ilustração de uma pessoa negra sendo “asfixiada” por mãos brancas, o que chama a atenção do leitor e, outrossim, sugere a este uma ideia inicial do que será abordado no texto.

Com relação ao enunciador do texto, observa-se, como primeiro emissor, a Revista Piauí, alicerce em que o texto foi publicado e, como segundo emissor, o autor João Felipe Gonçalves, “[...] antropólogo, doutor pela Universidade de São Paulo e professor da USP” (GONÇALVES, 2021, s.p.), o qual se utiliza de diversas vozes para colocar em evidência que o racismo, em suas variantes, parece estar atrelado com a asfixia, em suas diversas significações (as quais veremos nas próximas seções). Como proposta de solução, pode-se pressupor: “A união é indispensável para a afirmação da ‘humanidade’ do povo negro e para o combate ao racismo”.

⁶ Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/herald/>>.

Os destinatários, receptores potenciais do texto, são o público leitor geral, usuários da internet, que se preocupam com o bem-estar social e têm interesse em entender mais sobre os problemas sócio-históricos que afetam milhares de pessoas, principalmente as que se encontram à margem da sociedade. Fica evidente que uma leitura proveitosa deste gênero textual desenvolve o senso crítico de seus leitores.

Em dezembro de 2021, estava ocorrendo uma pandemia ocasionada por uma doença infecciosa, o coronavírus (COVID-19), iniciada em 2020. O vírus foi descoberto pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em 31 de dezembro de 2019, após serem avistados casos de “pneumonia viral” em Wuhan, na República Popular da China, sendo uma doença respiratória que se alastrou pelo mundo inteiro⁷. No Brasil, mais de 600.000 pessoas morreram devido a esse vírus, sendo 400.000 só em 2021⁸. Nesse contexto, a dimensão política da respiração humana estava em evidência como nunca.

Assim, é nesse contexto que o texto é produzido, trazendo como temática a respiração humana, abordando também outros problemas sociais que aconteciam concomitantemente com esse elevado índice de óbitos (milhares de pessoas morrendo diariamente por conta da COVID-19). Alude tanto às câmaras de gás utilizadas no passado durante as guerras, quanto à falta de cuidado com a Amazônia e, claro, à propagação desenfreada do vírus, todas consequências de “atitudes des(governamentais)” (GONÇALVES, 2021, s.p.), relacionando-as com as injustiças sociais e com a violência. Além de uma crise na saúde, estava ocorrendo, em 2020 e em 2021, portanto, uma crise econômica e até humanitária.

No segundo parágrafo do texto, há um trecho que aborda, explicitamente, o racismo ambiental, nosso foco principal de análise: “cidadãos negros na África do Sul e na Louisiana sofrem de problemas respiratórios gerados pela poluição industrial em escala bem maior que os brancos” (GONÇALVES, 2021, s.p.). Isso demonstra que, dentro dessa crise humanitária, inclusive o racismo ambiental aumentou, além das outras formas de racismo.

⁷ Disponível em:

<[⁸ Disponível em: <](https://www.paho.org/pt/covid19#:~:text=A%20COVID%2D19%20%C3%A9%20a,na%20Rep%C3%BAblica%20Popular%20da%20China.>.</p></div><div data-bbox=)

O subtítulo do texto traz “A respiração de combate de Frantz Omar Fanon⁹, Eric Garner¹⁰ e George Perry Floyd Jr.¹¹”, dois negros norte-americanos que repetiram, várias vezes, a expressão “*I can’t breathe*” (Não consigo respirar), no momento em que eram sufocados por policiais – não cumpridores de suas funções de “vigiar”, “policiar” – brancos.

Gonçalves (2021) evidencia que “*I can’t breathe!*” representa, além da opressão sofrida por Garner e Floyd, a opressão cotidiana – sem grande repercussão e comoção – que todos os negros sofrem simplesmente por serem quem são, sem motivos plausíveis, resquícios da escravidão, fazendo com que o racismo permaneça estrutural e as demais formas de racismo continuem inseridas em todas as esferas sociais. Assim como o ocorrido com Garner e Floyd, há, neste exato momento, outros indivíduos tendo que implorar por respeito, resistir e reafirmar a sua humanidade, a qual não é reconhecida, dando a sensação, na reflexão entre o ser ou o não ser, de inexistência.

Sobre Fanon, Gonçalves (2021) ressalta a sua importância para o pan-africanismo, para a emancipação e a autoafirmação dos africanos, vítimas da diáspora, e de seus descendentes em todo o mundo. Para isso, menciona a sua obra e associa-o com outras personalidades importantes.

3.2 Plano global do texto

Sobre o plano geral do texto, é relativamente longo, contendo várias possibilidades de análise. Optamos pelo aprofundamento das enunciações entre aspas, como veremos na próxima subseção. Antes, porém, nesta subseção, serão trazidas as temáticas dos parágrafos para que o leitor possa ter uma ideia geral do texto. Possui 35 parágrafos, divididos em quatro partes que têm o seu primeiro parágrafo iniciado com letra maiúscula em destaque, como podemos observar na captura da imagem do início do texto publicado:

⁹ Frantz Omar Fanon (1925-1961) foi um psiquiatra e filósofo político. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Frantz_Fanon>.

¹⁰ Eric Garner, negro, foi assassinado em 17 de julho de 2014 em Nova Iorque, aos 43 anos de idade, vítima de estrangulamento sofrido por um policial. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Morte_de_Eric_Garner>.

¹¹ George Perry Floyd Jr., negro, foi assassinado em 25 de maio de 2020 em Minneapolis, aos 46 anos de idade, vítima de estrangulamento sofrido por um policial. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/George_Floyd>.

Figura 1: Artigo de opinião jornalístico analisado



Fonte: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/racismo-e-asfixia/>>. Acesso em: 20 ago. 2022.

No primeiro parágrafo, Gonçalves (2021) traz como temática a dimensão política da respiração humana, afirmando que esta nunca esteve tão em evidência. Para comprovar isso, atesta que problemas respiratórios afligem milhões de pessoas no mundo, assinalando que as atitudes des(governamentais) acontecem principalmente em relação ao cuidado para com a Amazônia, o que acaba asfixiando a população brasileira e a mundial.

No segundo parágrafo, o autor rememora outras tragédias criminosas ligadas à respiração, que aconteciam antes mesmo da pandemia ocasionada pelo COVID-

19, como as queimadas na floresta equatorial, as câmaras de gás criadas por fascistas europeus e a poluição industrial, sobre a qual Gonçalves (2021) relata que traz problemas respiratórios aos negros em maior escala que aos brancos, sendo um indicador explícito de denúncia ao racismo ambiental.

No terceiro parágrafo, Gonçalves (2021) descreve várias razões pelas quais a respiração pode ser tomada como alvo de violência. No quarto parágrafo, retrata a força da respiração como imagem política, sendo um símbolo de opressão, argumentando que representa tanto o sufocamento biológico quanto a submissão social.

No quinto parágrafo, Gonçalves (2021) declara que a enunciação “*I can’t breathe!*”, proferida por Eric Garner, em 2014, e George Floyd, em 2020, é o maior exemplo da estreita ligação entre asfixia (forma de opressão) como fato corporal e como símbolo político, tornando-se um dos mais importantes lemas de movimentos antirracistas por todo o planeta.

No sexto parágrafo, Gonçalves cita Aimé Fernand David Césaire¹², afirmando que os negros africanos e da diáspora, por serem as pessoas mais oprimidas no mundo moderno, são as “mais bem situadas para pensar e falar sobre a relação entre as dimensões material e simbólica da respiração humana” (GONÇALVES, 2021, s.p.). Por isso, a partir desse parágrafo, o autor pretende interpretar a enunciação “*I can’t breathe!*”, partindo das relações entre a asfixia e o racismo apontadas por Frantz Fanon, aluno de Césaire.

Nos parágrafos seguintes, Gonçalves (2021) aborda a trajetória de vida de Fanon. Pondera que os escritos de Fanon são muito significativos para o pensamento crítico sobre o colonialismo e o racismo. Faz alusão ao livro *Pele Negra, Máscaras Brancas* (FANON, 1952), que retrata a descolonização da África, e *Os Condenados da Terra* (1961), que revela a violência revolucionária e as desigualdades pós-coloniais, reiterando que, em razão das lutas políticas e antirracistas travadas atualmente, a obra de Fanon volta a ser de interesse do público universitário e ativista.

No décimo parágrafo, iniciando a segunda parte do texto, Gonçalves (2021) afirma que Fanon menciona a respiração várias vezes ao falar sobre a opressão

¹² Aimé Fernand David Césaire (1913-2008) foi um poeta, dramaturgo, ensaísta e político da negritude. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Aim%C3%A9_C%C3%A9saire>.

racial e colonial, criando o conceito de “respiração de combate”, uma das enunciações entre aspas que será analisada na próxima subseção.

Nos parágrafos seguintes, Gonçalves (2021) informa que, com os protestos desencadeados pelo assassinato de Floyd em 2020, as referências fanonianas sobre a opressão e a respiração espalham-se globalmente. O autor aduz que, para Fanon, “a revolta anticolonial nasce da asfixia” (GONÇALVES, 2021, s.p.). Declara que as enunciações “asfixiadas” pronunciadas por Garner e Floyd, usando o pouco ar que lhes restava, são exemplos primazes de “respiração de combate”, com pressão física, sufocamento e sujeição moral. O autor finaliza a segunda parte do texto, portanto, sustentando que Garner e Floyd, mesmo em estado de agonia, gritam que são humanos e merecem ser tratados como tal, sendo um legítimo ato de resistência.

No décimo sétimo parágrafo, iniciador da terceira parte, o autor atenta ao fato de que há histórias que sugerem que outra forma de respiração, o consumo do tabaco, pode ter despertado a ira dos policiais ao agirem o norte-americano. Dessa forma, os policiais agridem Garner pelo pretexto de uma suspeita venda de cigarros avulsos e Floyd pelo pretexto de uma suposição da compra de cigarros com uma nota falsa (GONÇALVES, 2021).

Nos parágrafos seguintes, Gonçalves (2021) faz menção à Fernando Ortiz Fernández¹³ para demonstrar que o tabagismo, além de estar associado hoje em dia à doença e à morte, tem outras dimensões simbólicas, tendo sido “uma ameaça ao poder hipermasculino dos policiais brancos, que emascaram suas vítimas ao impedi-las de respirar” (GONÇALVES, 2021, s.p.). Nesse sentido, destaca que o tabaco, nos Estados Unidos, durante a escravidão, foi cultivado, sobretudo, por negros e, ao verem-nos, Garner e Floyd, usufruindo do cigarro nas esferas de circulação e do consumo, não tão somente fazendo parte da esfera da produção do mesmo, os agressores têm o seu ódio racial aumentado.

Gonçalves (2021, s.p.) acrescenta, para terminar a terceira parte do artigo, que, no livro de Fanon,

como nos corpos de Garner e Floyd, fumar é uma forma vital e ativa de respiração, radicalmente oposta à forma mortal e passiva da opressão e asfixia. Nos três casos, diante de um racismo desumanizante, fumar é uma respiração de combate.

¹³ Fernando Ortiz Fernández (1881-1969) foi um político, escritor e etnomusicólogo. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fernando_Ortiz>.

Gonçalves (2021) externaliza, portanto, que, para Fanon, “fumar” pode ser visto como um ato de humanização, reafirmação e resistência; como um ato de subversão. É a passagem da obrigação do labor e da disciplina para o direito do lazer.

No vigésimo sétimo parágrafo, principiador da última parte do texto em questão, Gonçalves (2021) retoma Fanon, Garner e Floyd e alega que os clamores dos dois últimos pertencem à visão fanoniana de racismo, pois estes encontravam-se em uma situação-limite: nem mortos e nem vivos. Se não respiravam, estavam mortos; por outro lado, se enunciavam palavras, ainda estavam vivos.

Por esse motivo, no vigésimo oitavo parágrafo, Gonçalves (2021) transmite que esses clamores eram enunciações proferidas de resistência, poderosas e complexas, situadas irreduzivelmente entre a vida e a morte. “*I can’t breathe!*” configura, dessa maneira, uma manifestação de afirmação de suas humanidades e uma denúncia da situação de estar “entre o ser e o não ser” (GONÇALVES, 2021, s.p.).

No vigésimo nono parágrafo, Gonçalves (2021) expressa que essa indefinição é o efeito mais extremo do racismo ao impor ao oprimido um “desvio existencial” que se caracteriza por um sentimento de inferioridade e de inexistência.

Nos parágrafos seguintes, o autor confirma isso, apoiando-se novamente no livro *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1952). Ao reportar-se ao livro, Gonçalves (2021) aponta que, como um legado colonial e do racismo, “o negro se define necessariamente em relação ao branco, mas a recíproca não é verdadeira: o branco não precisa se definir em relação ao negro” (GONÇALVES, 2021, s.p.).

Para mais, especifica que, além de encontrar-se entre a existência e a não existência, entre a vida e a morte, quem profere “*I can’t breathe!*” situa-se “entre a asfixia e a respiração, entre a metonímia e a metáfora, entre a opressão física e a opressão social” (GONÇALVES, 2021, s.p.).

No penúltimo parágrafo, afirma que essa enunciação localiza-se, também, em um lugar inexplicável entre a mente e o corpo:

Qualquer ato de fala se localiza na conjunção entre corporalidade e linguagem, pois utiliza recursos vocais e respiratórios para transmitir significados. Mas utilizar o último fôlego para denunciar a falta de respiração deixa ainda mais evidente que a linguagem que resiste é tão corporal quanto o corpo que sofre (GONÇALVES, 2021, s.p.).

O autor do artigo de opinião jornalístico (2021) completa assegurando que essa enunciação já é parte de todo um povo, que a ecoa e a grita para comprovar sua humanidade e tentar livrar-se do opressor físico ou moral. Encerra com a expressão do final do livro *Pele Negra, Máscaras Brancas*: “Ó, meu corpo, faz sempre de mim um homem que questiona!”, a qual Fanon chamou de “sua última prece” (GONÇALVES, 2021, s.p.).

3.3 Análise das vozes a partir das aspas

Primeiramente, será analisada a imagem que antecede a parte verbal do texto para, em seguida, passarmos à análise do título e do subtítulo e, finalmente, à análise de alguns dos parágrafos que apresentam enunciações entre aspas.

A imagem resume o que será abordado no decorrer da publicação, chamando a atenção do leitor e já fazendo-o refletir. É como se fosse um retrato do título, “Racismo e asfixia” (2021). O fundo com um tom de azul escuro dá a sensação de vazio, sugerindo a situação de estar “entre o ser e o não ser” (GONÇALVES, 2021, s.p.), no limite entre a vida e a morte, que é abordada durante o texto. O rosto da pessoa sendo asfixiada por mãos brancas possui tons de preto e vermelho, indicando que o oprimido é negro e remetendo a sentimentos de dor e de sofrimento, próprios do racismo, e à sangue. As mãos brancas representam o opressor, que possui a etnia branca. A esclera branca nos olhos do indivíduo pode ser interpretada como a visão que o oprimido (negro) tem do opressor (branco), já revelando a percepção que Gonçalves (2021) traz de que o negro é forçado a definir-se em relação ao branco, apontando uma das ideias principais do texto, que é a de “indefinição”.

O título “Racismo e asfixia” representa a relação que há entre o racismo e o ato de respirar, este envolvendo variados sentidos. O subtítulo “A respiração de combate de Frantz Fanon, Eric Garner e George Floyd” representa os principais nomes que serão utilizados para apresentar essa relação. No início do texto, há o apontamento de eventos marcantes que caracterizam uma “tragédia respiratória”, estritamente conectados com o racismo. A falta de cuidado para com a Amazônia, o “pulmão do mundo”; as queimadas, que resultam em problemas respiratórios, dirigidos, principalmente, às minorias marginalizadas; a poluição industrial, que também recai, em sua maioria, a indivíduos vulnerabilizados socialmente; e as

câmaras de gás operadas em guerras, que serviam para a eliminação de quem não se adequava a certos atributos étnicos.

No decorrer do texto, Gonçalves (2021) teoriza com as concepções da associação entre racismo e respiração de Fanon e chega ao estrangulamento, à asfixia, violência física que ocasiona falta de ar, acometida contra Garner e Floyd. Por fim, estabelece uma correlação entre o tabagismo e o racismo, explicada na subseção anterior. Emprega, brilhantemente, durante todo o texto, a enunciação “*I can't breathe!*”, para exemplificar essa relação que existe entre a linguagem e a corporalidade, entre o racismo e a (falta de) respiração, sendo a sua pronúncia (enunciação) e a tentativa de manter o fôlego formas de resistência.

Com relação às análises das enunciações dispostas entre aspas, na primeira, situada já no primeiro parágrafo do texto, observa-se o uso da expressão “pulmão do mundo”:

A dimensão política da respiração humana raras vezes esteve tão em evidência como hoje. Devido à pandemia, graves problemas respiratórios afligem milhões de pessoas em todo o planeta e matam muitas delas de forma lenta e dolorosa. Em uma ironia macabra, foi numa região da América do Sul, que um clichê global chama de “pulmão do mundo”, que se desenrolaram algumas das cenas mais dramáticas dessa tragédia respiratória. As atitudes (des)governamentais que produziram essa espetacular tortura coletiva na Amazônia brasileira escancararam a decisão política de incentivar a disseminação do mal respiratório e de matar suas vítimas por asfixia.

A enunciação “pulmão do mundo” representa uma voz explícita (heterogeneidade mostrada) que aparece mediante o ato de enunciação de discurso direto (DD) do discurso relatado (DR). A expressão é introduzida por um verbo de dizer (chama), sendo um objeto indireto que complementa o seu sentido. É um clichê global, ou seja, a Amazônia é caracterizada como “pulmão do mundo” por diversos países. Trata-se de uma antonomásia (tipo de metonímia) que condiz à “Amazônia brasileira”, local onde acontece uma “tragédia respiratória”. Ao cortarem árvores, é como se estivessem acabando com o pulmão das pessoas; ou matando-as por asfixia, principalmente as vítimas de racismo ambiental, como os indígenas, dentre outros grupos que, além de terem a sua respiração comprometida, têm as suas terras invadidas. Outrossim, além da flora, o *habitat* e a vida dos animais, a fauna, é comprometida.

A enunciação “pulmão do mundo” concerne ideologicamente, ou seja, à luz do dialogismo bakhtiniano, a um local que deve ser preservado, pressupondo uma

crítica feita pelo autor aos governantes e às pessoas que apoiam a exploração da floresta. Há, então, um embate, uma “luta social” (BAKHTIN, 2009), entre os governantes e as instituições que concordam com o seu desflorestamento contra os governantes e as instituições internacionais e brasileiras que apoiam a sua preservação. Nesse contexto, outras profissões e movimentos entram em jogo, como ambientalistas *versus* exploradores de madeira e de terras. Há a confirmação de uma relação interlocutiva entre os ambientalistas e as madeireiras, por exemplo.

A segunda, a terceira e a quarta enunciações a serem analisadas estão no quarto parágrafo do texto:

Diante dessas peculiaridades e dos frequentes ataques que sofre a respiração humana, não espanta que ela tenha uma imensa força como imagem política. No caso brasileiro, esse poder simbólico pode ser exemplificado pela famosa crítica ao AI-5 feita pelo Jornal do Brasil, dissimulada na previsão de tempo publicada em 14 de dezembro de 1968, o dia seguinte à promulgação do ato ditatorial: “[Temperatura sufocante. O ar está irrespirável.](#)” Muito antes disso, Mahatma Gandhi dissera que a liberdade não tem preço porque ela é “[o sopro da vida](#)” (the breath of life). Dois filmes fundamentais sobre as violências colonial e racial – A Batalha de Argel, de Gillo Pontecorvo (1966), e Faça a Coisa Certa, de Spike Lee (1989), respectivamente – apresentam o sufocamento deliberado tanto como dura realidade quanto como símbolo de opressão. Aliás, a própria palavra “[opressão](#)” se refere, em seu significado original, ao ato físico de oprimir alguma matéria – o peito ou o pescoço de alguém, por exemplo – e denota, mais amplamente, tanto o sufocamento biológico como a submissão social.

A enunciação “[Temperatura sufocante. O ar está irrespirável.](#)” trata-se de um aposto explicativo sem introdutor explícito. É uma crítica irônica ao AI-5 feita pelo Jornal do Brasil e dissimulada, ou seja, engendrada disfarçadamente, como uma indireta, já que foi proferida durante o período da Ditadura Militar (1964-1985) no Brasil, na previsão do tempo publicada no dia seguinte à promulgação do ato ditatorial. Para fugir da censura, a enunciação “[Temperatura sufocante. O ar está irrespirável.](#)” deixa de se referir apenas às altas temperaturas do tempo (calor) e, descortinando o seu caráter polifônico e ideológico, denuncia a situação político-social vigente.

A enunciação “[o sopro da vida](#)” (*The breath of life*) é introduzida pelo verbo de dizer “dissera”. Trata-se de um predicativo do sujeito que caracteriza o termo “liberdade”, além de ser uma metáfora. Assim, essa enunciação, pronunciada por Mahatma Gandhi, que lutou pela independência da Índia e pelo fim do regime colonial inglês, emblema que a liberdade é como o tempo de vida: não tem preço.

Sem liberdade, não há vida. Então, na brevidade da vida (sopro), a liberdade precisa ser vivida, sendo um bem indispensável e inestimável. O termo “sopro” faz com que essa falta de liberdade seja associada à atualidade, à falta de liberdade presente na “tragédia respiratória”, remetendo aos diferentes tipos de racismo e, inclusive, às centenas de milhares de pessoas mortas durante a pandemia, entre os anos de 2020 e 2021.

A enunciação “opressão” é sinalizada entre aspas para sublinhar um termo que será conceitualizado. Tem a função de sujeito, termo sobre o qual recai a predicação da oração. Nesse sentido, não é introduzida por um verbo de dizer, como nos casos anteriores, mas utiliza “se refere” para completar o seu sentido. É um caso de somente aspas. Gonçalves (2021), assim, alude que a “opressão” concerne tanto ao ato físico de oprimir uma matéria quanto ao sufocamento biológico e à submissão social. Chega a essa conclusão ao avaliar os frequentes ataques que a respiração humana sofre, o seu contexto político e histórico, e as violências racial e colonial transpostas em filmes.

Fazendo parte do mesmo parágrafo, ambas as enunciações estão interligadas ao corresponderem à respiração humana e aos frequentes ataques que esta sofre, sendo formadas por diferentes signos ideológicos que completam os seus sentidos. Retomando Barros (2005), um texto faz-se dialógico ao ostentar um diálogo entre interlocutores e ao conter intertextualidade. É o que se pode verificar nesse trecho, bem como na maior parte do texto em sua íntegra. Gonçalves (2021) reporta-se a vários autores, como os expressos no subtítulo, como Gandhi, para propagar a sua voz, construir e fortalecer a sua argumentação e defender o seu ponto de vista. Faz alusão a momentos do passado para comparar com a situação atual e denunciá-la. Portanto, fica evidente que cada enunciado está conectado com outros enunciados; que todo enunciado se faz de outros enunciados; que todo o enunciado começa com os enunciados dos outros e termina com os enunciados responsivos dos outros, o que os configura como unidades reais da língua, comprovando que o falante não é um “Adão Bíblico”, criador de enunciações inéditas (BAKHTIN, 2011).

Ademais, com o auxílio mútuo dos termos entre aspas para a composição do parágrafo, fica nítido, mais uma vez, que há vozes (polifonia) que competem social, histórica e linguisticamente. Dentre as classes em embate, podemos generalizá-las como opressores contra oprimidos, os quais podem vir a sofrer os diversos tipos de

opressão propostos pelo texto. O texto expõe, nessa perspectiva, vozes contra o racismo que podem ser relacionadas com os diferentes tipos de preconceito, dando margem a novos discursos antirracistas e antiviolença a serem enunciados por leitores críticos após a sua leitura.

“Pulmão”, “temperatura”, “sufocante”, “ar”, “irrespirável”, “sopro” e muitas outras palavras pertencentes a um “vocabulário da respiração” são empregadas por Gonçalves (2021) para enfatizar a “respiração”, que, assim como essas palavras, adquire novos significados, ou seja, novos temas que fogem de suas significações primárias. “Respiração”, por exemplo, aqui já não é mais vista somente como um mecanismo do corpo humano, mas como um ato de resistência. Assim, a polissemia, os diversos temas presentes em signos, formam-se por intermédio da polifonia e de juízos de valor, conduzindo a novas apreciações valorativas e apreciativas que responderão ao que é dito pelo autor e pelas outras múltiplas vozes presentes no artigo (BAKHTIN, 2009).

Em nota de rodapé, como forma de agradecimento, Gonçalves (2021, s.p.) expressa o seguinte:

Agradeço aos membros do grupo de pesquisa que dirijo na USP, o Canibal – Grupo de Antropologia do Caribe Global, pela enriquecedora discussão que contribuiu para a forma final deste texto.

Fica visível que as enunciações e as vozes emitidas pelo autor durante o texto vêm de diversos lugares, sendo influenciadas por suas leituras, interações sociais, etc., como é o caso da que teve com o seu grupo de pesquisa, ajudando na construção de seu texto que agora está servindo de base para este trabalho e, certamente, para outras enunciações, formando um elo infinito na comunicação discursiva (BAKHTIN, 2011).

A quinta e a sexta enunciações a serem analisadas estão no décimo parágrafo do texto:

Frantz Fanon mencionou a respiração várias vezes em suas discussões sobre a opressão racial e colonial. Os manifestantes afro-americanos que protestaram contra a morte de Eric Garner foram os primeiros a associar essas menções à frase *I can't breathe*. A ligação foi logo trabalhada por vários ativistas, intelectuais e artistas, como o músico palestino Dirar Kalash, que compôs, em 2016, uma peça chamada *We Can't Breathe (for Eric Garner and Frantz Fanon)*. Logo depois da morte de Garner, o arquiteto e escritor francês Léopold Lambert havia chamado a atenção, no jornal online *Mediapart*, para o conceito fanoniano de “respiração de combate”. Fanon introduziu essa expressão

em um texto de 1957 sobre a Argélia, *Les Femmes dans la Révolution*, no qual afirmou que, em situações coloniais, “a respiração do indivíduo é uma respiração observada, ocupada. É uma respiração de combate”.

A enunciação “respiração de combate” é precedida pela expressão verbal “chamar a atenção”. Trata-se de um conceito que será definido com a próxima enunciação entre aspas. Tem a função de objeto indireto, complementando a locução verbal de dizer “havia chamado a atenção”, sendo o núcleo do sujeito da oração em que a enunciação se encontra “Léopold Lambert”.

A enunciação “a respiração do indivíduo é uma respiração observada, ocupada. É uma respiração de combate” define a enunciação anterior entre aspas. Tem a função de objeto direto, sendo introduzida pelo verbo de dizer “afirmou”. O autor (2021) declara que “respiração de combate” é um termo que um escritor francês chamou a atenção e, posteriormente, citando Fanon, conceitualiza-o. Trata-se da respiração característica de quem sofre opressão racial e colonial. Gonçalves (2021), mais uma vez, utiliza-se de diversas vozes para construir o seu parágrafo.

Além disso, ao trazer o signo “respiração”, relaciona novamente os conceitos presentes no título, de racismo e de asfixia, que são polifônicos – repletos de vozes – e polissêmicos – repletos de temas – tematizando as problemáticas do racismo, que podem gerar violência (sufocamento); os problemas respiratórios agravados pela falta de cuidado com a natureza, atinentes ao racismo ambiental; e os problemas respiratórios ocasionados pelo não desenfreamento da propagação do COVID-19, que também recaíram, em grande parte, à população vulnerabilizada.

A sétima e a oitava enunciações a serem analisadas estão no décimo quinto parágrafo do texto:

Assim, entende-se melhor por que Fanon sustenta que a revolta anticolonial nasce da asfixia: ele diz isso para se contrapor à ideia de que ela adviria de alguma especificidade cultural. Similarmente, para ele, a revolta antirracista não deve ser culturalista. A seu ver, o objetivo de uma e outra revolta é alcançar uma humanidade plena e real: “[Eu] queria simplesmente ser um homem entre outros homens. [...] Queria ser humano, nada além de humano.” Sua reivindicação é evidente: “Reconheço a mim mesmo um único direito: o de exigir do outro um comportamento humano.”

A enunciação “[Eu] queria simplesmente ser um homem entre outros homens. [...] Queria ser humano, nada além de humano.” é um aposto que corresponde à uma fala de Fanon. “Reconheço a mim mesmo um único direito: o de exigir do outro um comportamento humano.” estampa a mesma função. Em ambas as enunciações,

há a falta de introdutor explícito, sendo as únicas marcas de DD os dois pontos e as aspas. Ele declara que as revoltas servem para alcançar uma humanidade plena e real. Reivindica, com a última enunciação, na busca por ser respeitado como humano.

A nona, a décima e a décima primeira enunciações a serem analisadas estão no vigésimo nono parágrafo do texto:

Ora, para Fanon, essa situação é o efeito mais extremo do racismo, que impõe ao negro “um desvio existencial”. No limite, a internalização do racismo cria no oprimido, além de um “sentimento de inferioridade”, um verdadeiro “sentimento de inexistência”. Fanon argumenta que, ao representar falsamente os brancos não apenas como sujeitos universais, mas como a *humanidade* em si mesma, a visão de mundo racista e colonial nega a própria existência dos negros.

A enunciação “um desvio existencial” tem a função de objeto direto ao ser introduzida pelo verbo de dizer “impõe”, complementando o seu sentido. Esse verbo de dizer é um verbo transitivo direto e indireto, necessitando de um objeto direto, que é a enunciação em análise, e de um objeto indireto, que é para quem esse “desvio existencial” é direcionado: ao negro. Desse modo, pode ser relacionada com o parágrafo anteriormente analisado, pois transmite o efeito mais extremo do racismo, que é a repetição do questionamento do “ser ou não ser”, da própria humanidade, da própria existência, a qual precisa ser reafirmada a todo momento.

Esse desvio resulta em um “sentimento de inferioridade” e um “sentimento de inexistência”, que são casos de somente aspas. Funcionam como objetos diretos ao complementarem o sentido do verbo “cria”, o qual não é um verbo de dizer. Estas enunciações podem ser vistas como relatos de como as vítimas desse efeito mais extremo do racismo sentem-se, complementando o sentido de “um desvio existencial”.

A décima segunda e a décima terceira enunciações a serem analisadas estão no trigésimo quinto (último) parágrafo. Também, analisaremos a enunciação “*I can't breathe*”, sinalizada no decorrer do texto.

E aqui, mais uma vez, Fanon nos dá a chave para entender a potência dessa frase. Garner, Floyd e todos os que ecoam e gritam hoje junto a eles respondem àquilo que Fanon chamou de “sua última prece”, a frase com que conclui *Pele Negra, Máscaras Brancas*: “Ó, meu corpo, faz sempre de mim um homem que questiona!”

Ao enunciar “sua última prece”, introduzida pelo verbo de dizer “chamou”, tendo a função de objeto indireto, Gonçalves (2021) relata que Fanon se refere tanto à enunciação “*I can’t breathe!*”, reiterada em várias partes do texto, e à última enunciação do artigo, que também finaliza o livro *Pele Negra, Máscaras Brancas*, “Ó, meu corpo, faz sempre de mim um homem que questiona!”, que é introduzida pelo verbo de dizer “conclui” e, ao ser disposta após os dois pontos, possui a função de aposto. Esta última enunciação faz um convite para que todos questionem junto a ele, reflitam, colaborando para que o senso de humanidade traga integração e valorização étnica, e não exclusão e difusão de preconceitos.

As enunciações acima, que estão interligadas, representam “todos os que ecoam e gritam hoje junto a eles” (GONÇALVES, 2021, s.p.), Garner e Floyd, pronunciadores do que se tornou o *slogan* do movimento *Black Lives Matter*¹⁴; representam toda a luta antirracista do povo negro, que busca por melhores condições de vida; representam todas as vítimas do racismo e da asfixia, a qual passa a simbolizar, no decorrer do texto, tanto a opressão física (estrangulamento), quanto as opressões psicológica e social (ocasionadoras da sensação de invalidez e da “desumanização”), marcando, além das consequências do racismo estrutural, individualista e institucional, as do racismo ambiental, que desencadeia, além da diferença no acesso a oportunidades, problemas respiratórios e de saúde.

3.4 Síntese das análises

Para sintetizar as análises, será apresentado um quadro que contempla, partindo de cada trecho entre aspas escolhido, o tipo de voz empregada, com a presença ou não de verbo de dizer, a relação dialógica estabelecida, a função sintática suscitada e o sentido empreendido:

Quadro 1: Demonstrativo da análise das vozes

	Trecho entre aspas	entre	Tipo de discurso relatado	de	Relação dialógica	Função sintática	Sentido/Interpretação

¹⁴ Movimento ativista internacional, com origem na comunidade afro-americana, iniciado em 2013, campanha contra a violência direcionada às pessoas negras e a desigualdade racial no sistema de justiça criminal dos Estados Unidos. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Black_Lives_Matter>.

01	"pulmão do mundo"	Voz em discurso direto (DD), introduzida pelo verbo de dizer "chama", atribuída a um clichê global. Voz implícita de instituições e pessoas que apoiam a preservação da natureza.	Luta social e ideológica entre entidades e pessoas pró e contra a preservação da Amazônia.	Objeto indireto.	A enunciação destaca uma antonomásia que corresponde à Amazônia, local do embate esclarecido na relação dialógica.
02	"Temperatura sufocante. O ar está irrespirável."	Voz em discurso direto (DD), sem introdutor explícito, atribuída ao Jornal do Brasil. Voz irônica.	Luta social e ideológica entre ditadores e vítimas da censura.	Aposto.	Marca, com crítica e ironia, o estado em que se encontrava o âmbito social durante o período da Ditadura Militar (1964-1985), associando-o à situação social e pandêmica de 2020-2021.
03	"o sopro da vida"	Voz em discurso direto (DD), introduzida pelo verbo de dizer "dissera", atribuída a Mahatma Gandhi.	Luta social e ideológica entre favoráveis à liberdade, à independência, e seus opositores.	Predicativo do sujeito.	Destaca uma metáfora que caracteriza a liberdade, ameaçada na Índia no início do século XX, associando-a à situação social e pandêmica de 2021-2021.
04	"opressão"	Caso de somente asas.	Luta social e ideológica entre opressores e oprimidos no contexto das violências colonial e racial.	Sujeito.	Denota tanto o ato físico de "oprimir", quanto o sufocamento biológico e a submissão social.
05	"respiração de combate"	Voz em discurso direto (DD), introduzida pela locução	Luta social e ideológica entre opressores e oprimidos no	Objeto indireto.	Destaca uma metáfora a ser definida na próxima enunciação.

		verbal de dizer “havia chamado a atenção”, atribuída à Léopold Lampert.	contexto das violências colonial e racial.		
06	“a respiração do indivíduo é uma respiração observada, ocupada. É uma respiração de combate”	Voz em discurso direto (DD), introduzida pelo verbo de dizer “afirmou”, atribuída à Frantz Fanon. Voz crítica.	Luta social e ideológica entre opressores e oprimidos no contexto das violências colonial e racial.	Objeto direto.	Marca a dificuldade do indivíduo, em conjunturas coloniais, de respirar, associando à morte de George Floyd e à situação social e pandêmica de 2020-2021.
07	“[Eu] queria simplesmente ser um homem entre outros homens. [...] Queria ser humano, nada além de humano.”	Voz em discurso direto (DD), sem introdutor explícito, atribuída à Frantz Fanon.	Luta social e ideológica entre opressores e oprimidos no contexto das violências colonial e racial.	Aposto.	Revela a opinião de Fanon, contendo o porquê de revoltar-se.
08	“Reconheço a mim mesmo um único direito: o de exigir do outro um comportamento humano.”	Voz em discurso direto (DD), sem introdutor explícito, atribuída à Frantz Fanon.	Luta social e ideológica entre opressores e oprimidos no contexto das violências colonial e racial.	Aposto.	Revela uma reivindicação, pelo reconhecimento de sua humanidade e de todo o seu povo, que complementa o sentido da enunciação anterior.
09	“um desvio existencial”	Voz em discurso direto (DD), introduzida pelo verbo de dizer “impõe”, atribuída à Frantz Fanon.	Luta social e ideológica entre opressores e oprimidos no contexto das violências colonial e racial.	Objeto direto.	Elucida o efeito mais extremo do racismo.
10	“sentimento de inferioridade”	Caso de somente aspas.	Luta social e ideológica entre opressores e	Objeto direto.	Destaca uma das consequências do efeito

			oprimidos no contexto das violências colonial e racial.		mais extremo do racismo.
11	“sentimento de inexistência”	Caso de somente aspas.	Luta social e ideológica entre opressores e oprimidos no contexto das violências colonial e racial.	Objeto direto.	Destaca uma das consequências do efeito mais extremo do racismo.
12	“sua última prece”	Voz em discurso direto (DD), introduzida pelo verbo de dizer “chamou”, atribuída à Frantz Fanon.	Luta social e ideológica entre opressores e oprimidos no contexto das violências colonial e racial.	Objeto indireto.	Refere-se à enunciação abaixo.
13	“Ó, meu corpo, faz sempre de mim um homem que questiona!”	Voz em discurso direto (DD), introduzida pelo verbo de dizer “conclui”, atribuída à Frantz Fanon. Voz de apelo.	Luta social e ideológica entre opressores e oprimidos no contexto das violências colonial e racial.	Aposto.	Marca o desejo fanoniano de sempre continuar engajado em prol do combate ao racismo e a tudo que ameaçar o senso de humanidade.

Fonte: Elaboração do autor (2022).

Das enunciações analisadas, dez são vozes em discurso direto (DD) do discurso relatado (DR). Dentre elas, identificamos vozes irônica, crítica e de apelo. Além disso, dentre as dez, sete são introduzidas por verbos de dizer e três não possuem introdutor explícito. Detectamos, também, três casos de somente aspas. Ainda, embora tem-se como finalidade a investigação de vozes explícitas, destacamos uma voz implícita de instituições e pessoas que apoiam a preservação da natureza, em “o pulmão do mundo”.

Buscamos, ainda, sinalizar que, dependendo de onde uma enunciação entre aspas for disposta, esta pode adquirir, sintaticamente, diferentes funções as quais alteram o seu sentido. Assim, além da escolha do eixo paradigmático, ou seja, dos

signos que formarão a enunciação, a escolha do eixo sintagmático, ou seja, de onde estes signos forem dispostos e do momento em que forem pronunciados, altera o seu sentido, podendo ocorrer mudança no tipo de voz e até na relação dialógica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o propósito de fazer um estudo de fenômenos linguístico-discursivos relacionados a vozes existentes no texto “Racismo e Asfixia” (GONÇALVES, 2021), descrevemos o contexto sócio-histórico e de produção desse texto pertencente ao gênero textual artigo de opinião jornalístico, e levantamos os tópicos discursivos de cada parágrafo — relacionando as linguagens verbal e não verbal presentes e interpretando a sequencialização da argumentação opinativa —, para que a identificação das vozes explícitas a partir do uso das aspas fosse efetivada, já que há uma relação de integralização e de independência entre os objetivos propostos.

Assim, com o gênero textual em questão, Gonçalves (2021) pode manifestar, implicitamente, a sua voz por intermédio de outras vozes sociais, explícitas. Trata-se de um gênero textual polifônico. É perceptível, em um artigo de opinião, que os signos estão ligados a determinadas situações sociais em que há embates ideológicos (BAKHTIN, 2009); que uma enunciação emitida é carregada das enunciações de outrem, formando um elo inseparável no prolongamento discursivo (BAKHTIN, 2011).

As relações dialógicas estabelecidas são a “luta social e ideológica entre entidades e pessoas pró e contra a preservação da Amazônia”, “entre ditadores e vítimas da censura”, “entre favoráveis à liberdade, à independência, e seus opositores” e “entre opressores e oprimidos no contexto das violências colonial e racial”; esta última sendo a principal relação dialógica constituída, norteadora de todo o texto. As primeiras servem, assim, para a efetivação da última, que é uma relação dialógica própria do passado, que permanece no presente e, infelizmente, tende a remanescer imergida no âmbito social.

“Racismo e asfixia” (2021) traz à tona, nesse sentido, questões intrínsecas a todos os tipos de racismo, incluindo o ambiental. O racismo individual, marcado, por exemplo, pela rejeição imposta a Garner e a Floyd por cada um dos opressores que os circularam. O racismo institucional, ilustrado pelas entidades e corporações que, na relação dialógica, ficam ao lado dos opressores. O racismo estrutural, que, como pode ser observado na sequência das relações dialógicas, perdura na estrutura social, em forma de colonialidade, desde o colonialismo. Finalmente, o racismo ambiental, quando Gonçalves (2021) menciona as queimadas e a poluição industrial,

as quais geram problemas respiratórios, principalmente às minorias étnicas que moram próximas a locais de degradação, acarretando uma “tragédia respiratória”, esmiuçada no decorrer da argumentação do autor (GONÇALVES, 2021, s.p.).

Nessa perspectiva, a dimensão humana da “respiração” adquire, no desenvolvimento do texto, variados temas, podendo ser relacionada com a obtenção de doenças respiratórias, ocasionadas pela devastação da natureza; com a privação do “respirar” em sua totalidade, marcada por opressões e perseguições que resultam em aniquilamento nas câmaras de gás e em morte por sufocamento; com a privação do “respirar” como fruição, sendo negado até o direito de fumar. Assim, é levantada a questão da “respiração de combate”, que surge como o modo de enfrentamento de todas essas condições que ameaçam o direito humano de respirar, que são as situações de “asfixia”, signo que também se detém de variados temas, os quais concernem a todas as privações de respiração impostas.

Dessa forma, a relação entre o racismo e a asfixia, defendida desde o título e sustentada durante as argumentações do autor, é comprovada, pois está presente nas relações dialógicas estabelecidas. Além das enunciações analisadas, “*I can't breathe!*” surge, nesse contexto, como uma voz do estrangeirismo, recorrente no texto, atribuída à Eric Garner e à George Floyd, sendo a última enunciação proferida por estas vítimas fatais do racismo. Tornou-se o slogan do movimento *Black Lives Matter*, exprimindo a luta de todo o povo negro pelo mundo, fazendo parte da proposta de solução implicitada por Gonçalves (2021), a qual defende que o sentimento de “estar entre a vida e a morte”, os sentimentos de inferioridade, de inexistência e o silenciamento devem ser combatidos com resistência e com questionamento.

Gonçalves (2021) recorre a nomes internacionais importantes, a diferentes vozes que simbolizam todo o povo negro, denunciando que problemas inerentes ao Brasil e ao mundo estão interligados; que “*I can't breathe!*” e outras enunciações de resistência são proferidas a todo instante, consequências tanto da opressão física quanto da situação ocasionada pelo espalhamento do vírus da COVID-19 durante a pandemia de 2020-2021, que recaiu, sobretudo, às populações marginalizadas.

O texto “Racismo e asfixia” (2021), que traz reflexões sobre a trajetória histórica do racismo e como este tem sido enfrentado, pode ser levado para a sala de aula para a análise das vozes e discussão, por exemplo, pois, o texto aproxima natureza e sociedade e confirma que são elementos indissociáveis. É preciso haver

um equilíbrio entre ambos. Quando não o há, consequências são geradas. Uma delas é o racismo ambiental, no qual há o embate entre as vozes sociais das minorias étnicas que têm o seu âmbito ameaçado e das pessoas e instituições que o utilizam indevidamente em nome do lucro e da manutenção do *status quo*.

Esta pesquisa pode contribuir, portanto, com o desenvolvimento de materiais didáticos de componentes curriculares, como o de Língua Portuguesa, que abordem o racismo ambiental, promovendo a educação em direitos humanos e educação ambiental crítica, dado que é uma temática atual, que faz parte de nosso cotidiano, mas ainda é pouco re/conhecida. Para isso, vários conteúdos e gêneros textuais podem ser explorados, como, por exemplo, as vozes inerentes a um artigo de opinião, trabalhando os eixos propostos pela BNCC (Brasil, 2018), como o Eixo Leitura, que pode ser central nesse processo e servir de base para o desenvolvimento dos demais eixos. Para mais, outras pesquisas sobre essa temática podem ser traçadas em âmbito acadêmico, bem como sobre os aportes teóricos aqui dispostos, os quais contribuiriam com a formação profissional-acadêmica deste pesquisador.

REFERÊNCIAS

- ANJOS-SANTOS, L. M. dos; LANFERDINI, P. A. F.; CRISTOVÃO, V. L. L. Dos saberes para ensinar aos saberes didatizados: uma análise da concepção de sequência didática segundo o ISD e sua reconcepção na revista Nova Escola. **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão. Vol. 11, n. 2, p. 377-400, mai./ago. 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ld/a/kRrSbZD6PcMzy756MJqB6Jc/?format=html&lang=pt>>. Acesso em: 29 nov. 2021.
- ALBUQUERQUE, J. Racismo ambiental e climático: uma realidade negligenciada pela sociedade. **Combate Racismo Ambiental**, 2021. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2021/10/30/racismo-ambiental-e-climatico-uma-realidade-negligenciada-pela-sociedade/?fbclid=IwAR2xwaRYwktLloKGpQ0YHpYS0JaA6JCFPCaA4rDH25__1-0VIKOBvYmp3bE>. Acesso em: 01 nov. 2021.
- ALMEIDA, S. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=LyqsDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5&dq=concep%C3%A7%C3%B5es+do+racismo&ots=Qn9i5ppseV&sig=urhTMto_F7Q09IIIQ0gX2pnbM5A#v=onepage&q=concep%C3%A7%C3%B5es%20do%20racismo&f=false>. Acesso em: 09 nov. 2021.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M; VOLOCHÍNOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13ª ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 09 nov. 2021.
- COLET, R. de F. Da *laudato* à *communio*: interpelações da ecologia integral para a eclesiologia ecumênica. **Revista Ecumênica de Diálogo Ecumênico e Inter-religioso**. Caminhos de Diálogo. Curitiba. Vol. 5, n. 7, p. 35-42, jan./dez. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/caminhosdedialogo/article/view/24596/23103>>. Acesso em: 06 nov. 2022.
- BARROS, D. L. P. de. **Contribuições de Bakhtin às Teorias do Discurso**. In: Bakhtin, dialogismo e construção de sentido. BRAIT, B. (Org.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.
- CRISTOVÃO, V. L. L. **Sequências Didáticas para o ensino de línguas**. In: DIAS, R.; CRISTOVÃO, V. L. L. (Org.). O Livro Didático de Língua Estrangeira: múltiplas perspectivas. 1ª ed. Campinas: Mercado de Letras, 2009. P. 305-344. Disponível em:

<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/setembro2011/espanhol_artigos/cristovao.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2021.

DAVID, R. S.; DAVID, R. S. O gênero discursivo artigo de opinião. **Revista Humanidades e Inovação**. Palmas. Vol. 8, n. 56, p. 192-204, ago. 2021. Disponível em:

<<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/558/3378>>. Acesso em: 08 nov. 2022.

DAHLET, P. **Dialogização Enunciativa e Paisagens do Sujeito**. In: Bakhtin, dialogismo e construção de sentido. BRAIT, B. (Org.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

FANON, F. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 1952.

_____. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1961.

FERNANDES, F. O que é racismo ambiental e por que falar sobre isso na escola. **Combate Racismo Ambiental**, 2021. Disponível em:

<<https://racismoambiental.net.br/2021/10/29/o-que-e-racismo-ambiental-e-por-que-falar-sobre-isso-na-escola/>>. Acesso em: 01 nov. 2021.

GONÇALVES, J. F. Racismo e asfixia. **Revista Piauí**, 2021. Disponível em:

<<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/racismo-e-asfixia/>>. Acesso em: 20 ago. 2022.

GUIMARÃES, M. **Educação ambiental crítica**. In: Identidades da Educação Ambiental Brasileira / Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental; Philippe Pomier Layrargues (coord.). Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. Disponível em:

<http://arquivos.ambiente.sp.gov.br/cea/cea/ident_eabras.pdf#page=27>. Acesso em: 10 nov. 2021.

HERCULANO, S. O clamor por justiça ambiental e contra o racismo ambiental.

InterfacEHS – Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente. São Paulo. Vol. 3, n. 1, Artigo 2, p. 1-20, jan./abr. 2008. Disponível em:

<<http://www3.sp.senac.br/hotsites/blogs/InterfacEHS/wp-content/uploads/2013/07/art-2-2008-6.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2021.

JESUS, V. de. Racializando o olhar (sociológico) sobre a saúde ambiental em saneamento da população negra: um continuum colonial chamado racismo ambiental. Em: **Saúde e Sociedade**. São Paulo. Vol. 29, n. 2, p. 1-15, 2020.

Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/5LRzfP3sP8kCDbhnJy6FkDH/?lang=pt>>. Acesso em: 28 out. 2021.

LAYRARGUES, P. P.; LIMA, G. F. C. As macrotendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira. **Ambiente & Sociedade**. São Paulo. Vol. 17, n. 1, p. 23-40, jan./mar. 2014. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/asoc/a/8FP6nynhjdZ4hYdqVFdYRtx/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 29 nov. 2021.

LEGNAIOLI, S. O que é racismo ambiental e como surgiu o conceito. **eCycle**, s.d. Disponível em: <<https://www.ecycle.com.br/racismo-ambiental/>>. Acesso em: 28 out. 2021.

MACHADO, A. R.; CRISTOVÃO, V. L. L. A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros. **Linguagem em (Dis)curso** - LemD. Tubarão. Vol. 6, n. 3, p. 547-573, set./dez. 2006. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/349/370>. Acesso em: 29 nov. 2021.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

MANDELA, N. **Long Walk to Freedom**. Boston: Little Brown & Co, 1995.

MANSOLDO, A. **Educação ambiental na perspectiva da ecologia integral: Como educar neste mundo em desequilíbrio?**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=nLhMDAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=o+que+%C3%A9+ecologia+integral&ots=ozblAnc042&sig=MjM3ZPXa6C13-xFt8bovoQ1ZNxQ#v=onepage&q=o%20que%20%C3%A9%20ecologia%20integral&f=false>>. Acesso em: 09 nov. 2021.

MARX, K; ENGELS, F. **Manifesto Comunista**. Tradução de Álvaro Pina. São Paulo: Editora Boitempo, 2005 (1848).

MUNIZ-OLIVEIRA, S. **Resenha e verbos de dizer: escrita acadêmica**. Curitiba: Editora UTFPR, 2016.

NAÇÕES UNIDAS - Brasil. Sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil, 2022. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>>. Acesso em: 06 nov. 2022.

RODRIGUES, A. F.; FREIRE, S. S. A.; URT, S. da. C. Unidade cérebro-mente e a consciência à luz da teoria histórico-cultural. In: **SciELO Preprints**. Disponível em: <<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/4697/9059>>. Acesso em: 08 nov. 2022.

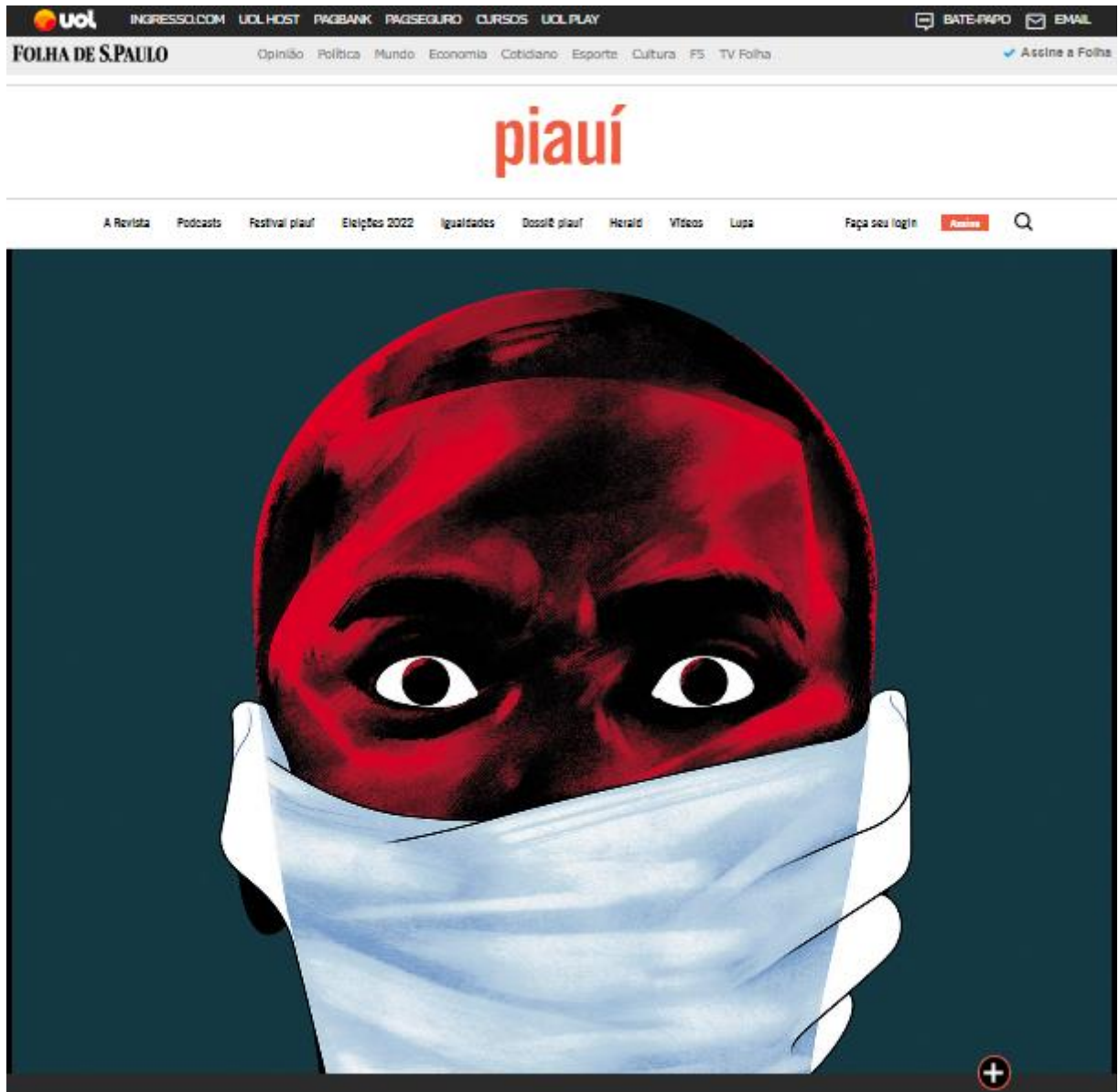
SOARES, M. B.; FRENEDOZO, R. de C. Sequência didática para inserção da educação ambiental no ensino fundamental. **Revista Triângulo**. Uberaba. Vol. 11, no. 1, p. 196-211, jan./jun. 2018. Disponível em: <<http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/revistatriangulo/article/view/2660>>. Acesso em: 03 nov. 2021.

VIEIRA JUNIOR, I. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

VIEIRA, P. C. **Análise de texto humorístico à luz do interacionismo sociodiscursivo: o humor a partir do contexto de produção e das vozes**. 112 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Pato Branco, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/28293/1/isdhumorcontextovozes.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2022.

ZOPPI-FONTANA, M. G. **O Outro da Personagem: Enunciação, Exterioridade e Discurso**. In: Bakhtin, dialogismo e construção de sentido. BRAIT, B. (Org.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

ANEXO A - Texto “Racismo e asfixia” (GONÇALVES, 2021) na íntegra



questões de violência

RACISMO E ASFIXIA

A respiração de combate de Frantz Fanon, Eric Garner e George Floyd

João Felipe Gonçalves | Edição 183, Dezembro 2021

A dimensão política da respiração humana raras vezes esteve tão em evidência como hoje.

Devido à pandemia, graves problemas respiratórios afligem milhões de pessoas em todo o planeta e matam muitas delas de forma lenta e dolorosa. Em uma ironia macabra, foi numa região da América do Sul, que um clichê global chama de “pulmão do mundo”, que se desenrolaram algumas das cenas mais dramáticas dessa tragédia respiratória. As atitudes (des)governamentais que produziram essa espetacular tortura coletiva na Amazônia brasileira escancararam a decisão política de incentivar a disseminação do mal respiratório e de matar suas vítimas por asfixia.

A mortandade amazônica traz à memória outras tragédias criminosas ligadas à respiração, a começar pelos problemas atmosféricos e de saúde que o aumento das queimadas na floresta equatorial tem gerado até mesmo em lugares distantes. Outro sinistro precedente são as câmaras de gás, tecnologias respiratórias que fascistas europeus utilizaram para matar milhões de forma industrial. Mesmo antes da pandemia, vários estudos acadêmicos enfatizaram a dimensão respiratória de injustiças e violências em todo o mundo. Por exemplo, os trabalhos da antropóloga norte-americana Kerry Ryan Chance, especialmente o livro *Living Politics in South Africa's Urban Shacklands* (Políticas do viver nas favelas urbanas da África do Sul), mostram que cidadãos negros na África do Sul e na Louisiana sofrem de problemas respiratórios gerados pela poluição industrial em escala bem maior que os brancos.

Há várias razões pelas quais a respiração chama particular atenção como alvo de violência. Primeiramente, ela é a mais perceptível das funções vitais humanas. Diferentemente da circulação sanguínea, envolve um intercâmbio nítido entre o interior e o exterior do corpo. E, ao contrário da digestão, da excreção, da transpiração e da reprodução, os sinais externos desse intercâmbio são ininterruptos. Além disso, a respiração é entendida como a mais impoluta dessas funções vitais, pois é a única que não envolve a eliminação de sólidos e líquidos que são percebidos quase universalmente como poluídos, sujos, perigosos ou repulsivos – e, por isso mesmo, é vista eventualmente como atraente.

Diante dessas peculiaridades e dos frequentes ataques que sofre a respiração humana, não espanta que ela tenha uma imensa força como imagem política. No caso brasileiro, esse poder simbólico pode ser exemplificado pela famosa crítica ao AI-5 feita pelo *Jornal do Brasil*, dissimulada na previsão de tempo publicada em 14 de dezembro de 1968, o dia seguinte à promulgação do ato ditatorial: “Temperatura sufocante. O ar está irrespirável.” Muito antes disso, Mahatma Gandhi dissera que a liberdade não tem preço porque ela é “o sopro da vida” (*the breath of life*). Dois filmes fundamentais sobre as violências colonial e racial – *A Batalha de Argel*, de Gillo Pontecorvo (1966), e *Faça a Coisa Certa*, de Spike Lee (1989), respectivamente – apresentam o sufocamento deliberado tanto como dura realidade quanto como símbolo de opressão. Aliás, a própria palavra “opressão” se refere, em seu significado original, ao ato físico de oprimir alguma matéria – o peito ou o pescoço de alguém, por exemplo – e denota, mais amplamente, tanto o sufocamento biológico como a submissão social.

Mas talvez nenhuma formulação evidencie tão bem a estreita ligação entre a asfixia como fato corporal e como símbolo político quanto a frase *I can't breathe* (Não consigo respirar), proferida por dois negros norte-americanos – Eric Garner, em 2014, e George Floyd, em 2020 –, no momento em que eram sufocados por policiais brancos. Jamais saberemos quantos outros negros disseram as mesmas palavras enquanto agonizavam devido a agressões racistas que sofreram nem quantos sequer as puderam pronunciar – como João Alberto Silveira Freitas, morto por asfixia pelos seguranças brancos de um supermercado brasileiro no ano passado. Graças à repercussão dos casos de Garner e Floyd, essa frase, aparentemente simples mas genialmente complexa, se tornou um dos mais potentes lemas de movimentos antirracistas em todo o mundo.

O grandioso ato de resistência, indissociavelmente corporal e linguístico, que significa a enunciação de *I can't breathe* indica que as pessoas mais bem situadas para pensar e falar sobre a relação entre as dimensões material e simbólica da respiração humana são aquelas que têm sido mais brutal e massivamente oprimidas no mundo moderno: os negros africanos e da diáspora, acertadamente descritos pelo escritor martinicano Aimé Césaire (1913-2008), em seu *Discurso sobre a Negritude* (1987), como os “grupos humanos que sofreram as piores violências da história”. Apesar de eu ser branco, e portanto incapaz de ter uma compreensão plena e pessoal do tema, quero mobilizar aqui uma de minhas áreas de especialização acadêmica, os estudos caribenhos, para interpretar o lema *I can't breathe* a partir das relações entre asfixia e racismo apontadas por um aluno de Césaire: Frantz Fanon.

Nascido em 1925 na Martinica, então colônia e hoje departamento ultramarino da França, Fanon começou sua atuação política na resistência ao fascismo no Caribe e na Europa. Após a Segunda Guerra Mundial, estudou psiquiatria e filosofia em Lyon, e em 1953 foi trabalhar como psiquiatra na Argélia, onde logo se tornou um membro destacado da luta contra o colonialismo francês. Sua atuação, porém, foi abreviada por uma leucemia que o levou para tratamento primeiro à União Soviética e depois aos Estados Unidos, onde morreu em 1961, aos 36 anos.

É importante notar que, ao radicar-se na Argélia, Fanon realizou, em âmbito pessoal, a viagem à África que vários intelectuais caribenhos negros haviam imaginado como um projeto coletivo – o jamaicano Marcus Garvey defendera o retorno dos negros da diáspora ao continente africano; o haitiano Jean Price-Mars localizara na África as origens culturais de seu país; e Césaire deliberadamente fizera da idealização das civilizações pré-coloniais africanas um gesto poético-político. Portanto, o pan-africanismo de Fanon se ancorava em uma longa tradição antilhana.

Os textos de Fanon tiveram e ainda têm imenso impacto no pensamento crítico sobre o colonialismo e o racismo. Seu primeiro livro, *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1952), é uma das mais sofisticadas análises do racismo e de seus mecanismos linguísticos e psicológicos, e tem sido inspiração para vários pensadores recentes, especialmente anglófonos. Seus escritos sobre o colonialismo e a descolonização da África são uma referência fundamental para a esquerda em todo o mundo desde sua publicação. É o caso sobretudo do livro que ditou em seu leito de morte, *Os Condenados da Terra* (1961), um estudo sobre o poder colonial, a violência revolucionária e as desigualdades pós-coloniais. Em razão das lutas políticas antirracistas travadas atualmente, a obra de Fanon ganhou novo destaque nos meios universitários e ativistas.

Frantz Fanon mencionou a respiração várias vezes em suas discussões sobre a opressão racial

e colonial. Os manifestantes afro-americanos que protestaram contra a morte de Eric Garner foram os primeiros a associar essas menções à frase *I can't breathe*. A ligação foi logo trabalhada por vários ativistas, intelectuais e artistas, como o músico palestino Dirar Kalash, que compôs, em 2016, uma peça chamada *We Can't Breathe (for Eric Garner and Frantz Fanon)*. Logo depois da morte de Garner, o arquiteto e escritor francês Léopold Lambert havia chamado a atenção, no jornal online *Mediapart*, para o conceito fanoniano de “respiração de combate”. Fanon introduziu essa expressão em um texto de 1957 sobre a Argélia, *Les Femmes dans la Révolution*, no qual afirmou que, em situações coloniais, “a respiração do indivíduo é uma respiração observada, ocupada. É uma respiração de combate”.

Com os protestos desencadeados pelo assassinato de George Floyd em 2020, multiplicaram-se globalmente as referências fanonianas sobre opressão e respiração. Exemplos brasileiros são o inspirador artigo da antropóloga e artista quilombola Maya Quilolo na revista *Afirmativa* e uma impactante fotografia postada no Portal Geledés que acompanhou outro artigo sobre Fanon. A foto mostra um cartaz em que o rosto do pensador aparece pintado junto à frase (em inglês) “Nós nos revoltamos porque, por muitas razões, não podemos mais respirar”. Esses dizeres são uma adaptação de uma famosa frase de *Pele Negra, Máscaras Brancas*: “Não foi por ter descoberto uma cultura própria que o indochinês se revoltou. Foi ‘simplesmente’ porque, sob vários aspectos, respirar se havia tornado impossível para ele.”^[1]

Nas duas citações, uma sobre a África do Norte, outra sobre o Sudeste Asiático, Fanon se refere não especificamente ao racismo antinegro, mas ao colonialismo francês em geral. Porém, não há dúvidas de que ambas as passagens se adequam perfeitamente aos assassinatos racistas de Garner e Floyd e às suas enunciações de *I can't breathe*. Com essa frase, os dois cidadãos denunciaram a opressão de seus corpos no sentido mais literal do termo, como pressão física e sufocamento, e no mais amplo, como sujeição social. E tanto um quanto outro fizeram isso usando o pouco ar que lhes restava – o que faz de suas falas asfixiadas exemplos primazes de respiração de combate.

Não é irrelevante, contudo, que as duas citações de Fanon se refiram a contextos coloniais distantes de sua ilha natal. Um dos pontos mais importantes de *Pele Negra, Máscaras Brancas* é justamente a profunda conexão entre racismo e colonialismo. Ademais, o livro é um libelo universalista que defende a superação do que chama de “duplo narcisismo”: o enclausuramento do branco “em sua brancura” e o do negro em “sua negrura”. Em outras palavras, Fanon não só analisa e combate o racismo, mas se opõe a toda forma de racialização, a qualquer associação de corpos brancos ou negros a particularidades culturais ou psicológicas, positivas ou negativas: “Minha pele negra não é depositária de valores específicos”, afirma.

Esse universalismo fica evidente também em outra passagem do livro, na qual Fanon se refere à asfixia do corpo negro: “Se é verdade que devo me libertar daquele que me sufoca, porque realmente não consigo respirar, permanece a evidência de que é insalubre enxertar num substrato fisiológico (dificuldade mecânica de respiração) um elemento psicológico (impossibilidade de expansão).”

Assim, entende-se melhor por que Fanon sustenta que a revolta anticolonial nasce da asfixia: ele diz isso para se contrapor à ideia de que ela adviria de alguma especificidade cultural. Similarmente, para ele, a revolta antirracista não deve ser culturalista. A seu ver, o objetivo de uma e outra revolta é alcançar uma humanidade plena e real: “[Eu] queria simplesmente ser um homem entre outros homens. [...] Queria ser humano, nada além de humano.” Sua reivindicação é evidente: “Reconheço a mim mesmo um único direito: o de exigir do outro um comportamento humano.”

Essa exigência é a que também faziam Garner e Floyd enquanto eram sufocados. Entre outras coisas, eles gritavam que eram humanos e deviam ser tratados como tal. Além disso, utilizando esse atributo exclusivo da espécie humana que é a linguagem articulada, os dois afirmavam sua humanidade por meio do próprio ato de falar durante sua agonia.

Há ainda um detalhe comum às histórias de Garner e Floyd que sugere que ambos podem

ter despertado a ira racista dos policiais por praticarem outra forma de respiração: o consumo do tabaco. O espelhamento entre os dois casos é notável: o pretexto para a agressão policial a Garner foi seu suposto ato ilegal de *vender cigarros* avulsos; o pretexto para a agressão policial a Floyd foi seu suposto ato ilegal de *comprar cigarros* com uma nota falsa.

O tabagismo hoje em dia é tão associado à doença e à morte – como advertem os maços que Garner não vendia e que Floyd comprava – que é fácil esquecer outras dimensões simbólicas do uso do tabaco que persistem de forma subterrânea e até subversiva. Quem talvez mais tenha discutido essas dimensões é outro pensador caribenho, o cubano Fernando Ortiz (1881-1969).

No monumental livro *Contrapunteo Cubano del Tabaco y el Azúcar* (1940), esse antropólogo tece um contraste barroco entre os dois mais importantes produtos de sua ilha, desde a materialidade dos vegetais de que são derivados até sua produção, circulação e consumo. Ortiz observa, por exemplo, que da cana-de-açúcar só se aproveita o caule, e da planta do tabaco, só as folhas; que os resíduos do fumo saem por três orifícios superiores do corpo humano, e os do açúcar por um orifício inferior; que em Cuba o tabaco era cultivado por brancos proprietários de minifúndios, e o açúcar, por negros escravizados ou proletarizados em latifúndios; que o tabaco foi levado da América para a Europa, e o açúcar foi trazido da Europa para a América.

Mas é quanto ao consumo que o argumento de Ortiz mais interessa aqui. Admirador e amante confesso do charuto, o antropólogo via no açúcar um produto massificado, homogêneo, emasculador, que deleita crianças e entorpece a imaginação. Em contraste, ele apresenta o tabaco como algo único, diversificado, viril, que provoca um prazer adulto e estimula a imaginação. Por isso, os colonizadores viam no açúcar um néctar angelical e no tabaco, uma droga demoníaca.

Ortiz nota que no ato de fumar “sempre houve algo de revolucionário, algo de retorção sob a opressão, de ardor destruidor e de elevação libertadora”. Mais que isso, “consumir tabaco, ou seja, fumar, é um

ato pessoal de individualização. O consumo de açúcar não tem nome específico, é um ato comum da gula. Por isso, o fumante está no dicionário, mas não existe ‘açucarante’.”

Se Ortiz está certo, como considero que está, não foi à toa que Garner e Floyd foram oprimidos até a morte por serem negros que praticavam uma técnica peculiar de respiração associada à ação pessoal, à individualização, à vida adulta, à particularidade, à subversão e, reveladoramente, à “retorção sob a opressão”. Tudo isso, em seus corpos negros, parece ter alimentado o ódio racial dos agressores brancos. Até a suposta virilidade do fumar deve, no caso, ser lida menos por seu aspecto heterossexista do que como uma ameaça ao poder hipermasculino dos policiais brancos, que emascularam suas vítimas ao impedi-las de respirar.

Inspirado por Ortiz, adiciono outros dois pontos às reflexões formuladas por ele. Em Cuba, o tabaco está associado, desde o século XVI, à mão de obra branca e livre. Nos Estados Unidos, ao contrário, foi cultivado e colhido sobretudo por negros, durante e após a escravidão. Condenar Garner e Floyd à morte pelo suposto comércio ilegal ou pelo consumo de cigarros os castigava de modo atroz e racista por eles se relacionarem com o tabaco não na esfera da produção, mas da circulação e do consumo; não por meio da disciplina e do labor, mas da subversão e do prazer.

Além disso, o ato de fumar é também uma forma de reivindicar humanidade. Assim como o cozimento de alimentos e a proibição do incesto, fumar culturaliza – ou seja, humaniza – uma função natural do corpo, que é a respiração. Tanto quanto as louvadas técnicas de ioga e meditação, fumar transforma a respiração em algo cultural e ativo, em algo humano. Ao fumar, Garner e Floyd exerciam e afirmavam sua humanidade através de uma prática respiratória. Ao asfixiá-los, os policiais os puniam, por meio de outra técnica respiratória, pela afirmação que eles faziam de sua humanidade.

Minha interpretação do ato de fumar como humanização se inspira não apenas em Fernando Ortiz, mas também em *Peles Negras, Máscaras Brancas*. Quando descreve a maneira ideal pela qual um ser humano deveria se relacionar corporalmente com o mundo a seu redor, Fanon usa a seguinte imagem: “Eu sei que, se quiser fumar, precisarei esticar o braço direito para alcançar o maço de cigarros que está na outra ponta da mesa. Os fósforos, por sua vez, estão na gaveta da esquerda; precisarei recuar um pouco. E todos esses gestos, eu os faço não por hábito, mas por um conhecimento implícito. Lenta construção do meu eu enquanto corpo no interior de um mundo espacial e corporal.” Fanon contrapõe essa relação fluida entre o corpo humano e seu entorno à “maldição corporal” da racialização, que aprisiona o corpo negro porque interpõe entre ele e o vasto mundo um “esquema epidérmico racial”.

Não me parece casual que, quando descreve a relação desalienada que gostaria de ter com o mundo, Fanon se refira precisamente a seu desejo e sua prática de fumar, isto é, a essa forma particular e humana de respirar com um aditivo estimulante. Outros escritores menos interessados em questões corporais prefeririam mencionar objetos menos impuros e mais obviamente “intelectuais” que cigarros e fósforos – um lápis, uma caneta, uma folha de papel, uma máquina de escrever. Nessa escolha aparentemente aleatória surge novamente o tema fanoniano da respiração. Em seu livro, como nos corpos de Garner e Floyd, fumar é uma forma vital e ativa de respiração, radicalmente oposta à forma mortal e passiva da opressão e asfixia. Nos três casos, diante de um racismo desumanizante, fumar é uma respiração de combate.

Não terminam aí as conexões entre as respirações de combate de Frantz Fanon, Eric Garner

e George Floyd. Os clamores dos dois últimos enquanto morriam se relacionam à visão fanoniana do racismo também porque revelam a dolorosa situação-limite em que se encontravam: não estavam propriamente mortos nem vivos. Afinal, por um lado, uma pessoa que deixa de respirar já não está viva; por outro, se uma pessoa profere palavras, é porque ainda não está morta.

Não quero dizer com isso que Garner e Floyd fossem contraditórios em seus atos de fala. Ao contrário, ressalto que suas falas de resistência são poderosas e complexas em parte porque vêm de um lugar situado irredutivelmente entre a vida e a morte. Ao dizerem *I can't breathe*, Garner e Floyd tanto afirmavam sua humanidade como denunciavam sua situação indefinível e intolerável entre o ser e o não ser.

Ora, para Fanon, essa situação é o efeito mais extremo do racismo, que impõe ao negro “um desvio existencial”. No limite, a internalização do racismo cria no oprimido, além de um “sentimento de inferioridade”, um verdadeiro “sentimento de inexistência”. Fanon argumenta que, ao representar falsamente os brancos não apenas como sujeitos universais, mas como a *humanidade* em si mesma, a visão de mundo racista e colonial nega a própria existência dos negros.

Para explicar isso, remeto a outra passagem de *Pele Negra, Máscaras Brancas*:

Qualquer ontologia se torna irrealizável em uma sociedade colonizada e civilizada. [...] A ontologia, quando se admite de uma vez por todas que ela deixa de lado a existência, não nos permite compreender o ser do negro. Pois o negro [uma vez colonizado] já não precisa ser negro, mas precisa sê-lo diante do branco. [...] O negro não tem resistência ontológica aos olhos do branco.

Com tais palavras, Fanon quer dizer que, em um mundo marcado pelo racismo e pelo legado colonial, o negro se define necessariamente em relação ao branco, mas a recíproca não é verdadeira: o branco não precisa se definir em relação ao negro. Fanon mobiliza “a experiência vivida do negro” em oposição à filosofia hegeliana, segundo a qual cada ser é definido pelo reconhecimento que recebe de outro ser. Ele denuncia que essa reciprocidade do reconhecimento foi destruída e impossibilitada pela longa história do colonialismo e do racismo.

Assim, os clamores de Garner e Floyd são demonstrações da ideia fanoniana de que o racismo cria uma zona liminar entre a existência e a não existência, entre o ser e o não ser. A fala *I can't breathe* emitida por uma vítima de sufocamento é tão poderosa porque se situa necessariamente num lugar indefinível entre a vida e a morte, entre a asfixia e a respiração, entre a metonímia e a metáfora, entre a opressão física e a opressão social.

Ademais, essa fala também está em um lugar indefinível entre o corpo e a mente. Qualquer ato de fala se localiza na conjunção entre corporalidade e linguagem, pois utiliza recursos vocais e respiratórios para transmitir significados. Mas utilizar o último fôlego para denunciar a falta de respiração deixa ainda mais evidente que a linguagem que resiste é tão corporal quanto o corpo que sofre.

E aqui, mais uma vez, Fanon nos dá a chave para entender a potência dessa frase. Garner, Floyd e todos os que ecoam e gritam hoje junto a eles respondem àquilo que Fanon chamou de “sua última prece”, a frase com que conclui *Pele Negra, Máscaras Brancas*: “Ó, meu corpo, faz sempre de mim um homem que questiona!”

[1] Todas as citações desse livro são da tradução de Sebastião Nascimento para a edição lançada em 2020 pela Ubu Editora.

[2] Agradeço aos membros do grupo de pesquisa que dirijo na USP, o Canibal – Grupo de Antropologia do Caribe Global, pela enriquecedora discussão que contribuiu para a forma final deste texto.¹⁵

¹⁵ Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/racismo-e-asfixia/>>.